



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA/LIBRAS/LÍNGUA ESTRANGEIRA

JAILMA DA GUARDA ALMEIDA

**UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO <S> EM CODA SILÁBICA NO
PORTUGUÊS FALADO PELA COMUNIDADE QUILOMBOLA ALTO ALEGRE-BA**

Amargosa

2016

JAILMA DA GUARDA ALMEIDA

**UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO <S> EM CODA SILÁBICA NO
PORTUGUÊS FALADO PELA COMUNIDADE QUILOMBOLA ALTO ALEGRE-BA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia,
como requisito parcial para a obtenção de grau
de licenciada em Letras: Língua Portuguesa e
Libras.

Orientador: Gredson dos Santos

Amargosa

2016

AGRADECIMENTOS

Ao longo do curso, muitas pessoas estiveram ao meu lado me incentivando para que eu chegasse até o final, por isso gostaria de deixar registrado, aqui, os meus agradecimentos e carinho a cada um.

Primeiramente a Deus, por renovar as minhas forças quando tudo parecia desmoronar e por me dar discernimento para escolher o caminho certo a seguir.

A minha família, minha mãe, Zene, e a meu pai, Jailton, pelos conselhos e ensinamentos que determinaram a formação de valores eternos. E a meu irmão, Rogério, que foi muito presente em minha vida em boa parte desta graduação.

Ao professor Gredson, que, além de orientador, foi também conselheiro e amigo, pelos conhecimentos compartilhados, pela amizade e parceria nesses anos de Iniciação Científica. Durante esses anos, aprendi muito com ele; sem os seus ensinamentos e apoio, com certeza, eu não teria chegado até aqui.

A Lore, minha prima-amiga-irmã, que, não só nesse processo de formação, mas também em todos os momentos da minha vida, sempre me apoiou incondicionalmente em todos os momentos e nunca deixou que eu desistisse dos meus sonhos.

A minhas primas Dany e Suelen, pelo apoio e amizade, e por terem me mostrado que era possível chegar à Universidade.

A minha amiga Cleide, pela amizade e pelo apoio incondicional durante esses anos de amizade.

Aos amigos que fiz durante esses anos de graduação (Sandro, Ju, Marvi, Day e Rai), pessoas que, com certeza, levarei para vida toda. A vocês muito obrigada pela amizade, companheirismo e por todos os momentos vividos.

Aos colegas de turma Mila C., Mila F., Mone, Ni, Dubem, Vivi, Arlete, Jai, Amanda, Laísa, Naty, Tiago, Gessika, Marinês, Ednea, Marilza, Nathalia, Mauricio, Adriana, Nadia, Helô: muito obrigada pelos momentos vividos nesse período de graduação.

A Fernanda, que além de professora, se tornou uma amiga; e na que construção do primeiro capítulo desta monografia, enquanto professora da disciplina Trabalho monográfico I, teve muita paciência comigo.

Aos professores Ana Rita, Geisa, Ângela, Mônica, Tarcísio e Emanuelle, que contribuíram nesse processo de formação e que me ensinaram com prazer e dedicação parte do que sei.

ALMEIDA, Jailma da Guarda. **Uma análise sociolinguística do <S> em coda silábica no português falado pela comunidade quilombola Alto Alegre-Ba.** 91 f. il. 2016. Monografia – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa-Ba, 2016.

RESUMO

A monografia *Uma análise sociolinguística do <S> em coda silábica no português falado pela comunidade quilombola Alto Alegre-Ba*, pautada nos princípios teóricos da Sociolinguística variacionista, teve como objetivo investigar a variação de /S/ em coda silábica no português afro-brasileiro falado pela comunidade de Alto Alegre, que pertence ao município de Presidente Tancredo Neves (a 263 km de Salvador) e desde 2008 foi certificada pela fundação Cultural Palmares como remanescente de quilombo. A amostra estudada foi constituída de 1200 ocorrências de <S> em coda silábica, sem valor de plural, extraídas da fala informal de seis homens e seis mulheres, sem escolarização, naturais da comunidade de Alto Alegre, escolhidos aleatoriamente de acordo com três faixas etárias: faixa I, de 20 a 40 anos; faixa II, de 40 a 60 anos e faixa III, acima de 60 anos. Os resultados mostram que na comunidade há um quadro de mudança em progresso no sentido que a faixa etária mais nova está abandonando formas típicas do português popular, como o apagamento de <S>.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista. Coda silábica. Português quilombola

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Distribuição das variantes <S> no <i>corpus</i>	50
Tabela 2	Posição em que ocorrem as variantes no <i>corpus</i>	52
Tabela 3	A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à consoante subsequente na comunidade de Alto Alegre	54
Tabela 4	A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à tonicidade da sílaba na comunidade de Alto Alegre	55
Tabela 5	A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à característica da vogal antecedente na comunidade de Alto Alegre	55
Tabela 6	A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à extensão do vocábulo na comunidade de Alto Alegre	56
Tabela 7	A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à classe morfológica do vocábulo na comunidade de Alto Alegre	56
Tabela 8	A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à faixa etária do informante na comunidade de Alto Alegre	57
Tabela 9	A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à extensão do vocábulo na comunidade de Alto Alegre	58
Tabela 10	A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à sonoridade da consoante seguinte na comunidade de Alto Alegre	58
Tabela 11	A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à faixa etária do informante na comunidade de Alto Alegre	59
Tabela 12	A variante alveolar em final absoluto de vocábulo quanto à extensão do	60

vocábulo na comunidade de Alto Alegre

Tabela 13	A variante alveolar em final absoluto de vocábulo quanto à característica da vogal antecedente na comunidade de Alto Alegre	61
Tabela 14	A variante alveolar em final absoluto de vocábulo quanto à faixa etária do informante na comunidade de Alto Alegre	61
Tabela 15	A variante alveolar em final absoluto de vocábulo quanto ao sexo do informante na comunidade de Alto Alegre	62
Tabela 16	A variante palatal em interior de vocábulo quanto à consoante subsequente na comunidade de Alto Alegre	64
Tabela 17	A variante palatal em interior de vocábulo quanto à tonicidade da sílaba na comunidade de Alto Alegre	65
Tabela 18	A variante palatal em interior de vocábulo quanto à classe morfológica do vocábulo na comunidade de Alto Alegre	66
Tabela 19	A variante palatal em interior de vocábulo quanto à faixa etária na comunidade de Alto Alegre	66
Tabela 20	A variante palatal em final de vocábulo seguido de consoante quanto à consoante subsequente na comunidade de Alto Alegre	67
Tabela 21	A variante palatal em final de vocábulo seguido de consoante quanto à classe morfológica do vocábulo na comunidade de Alto Alegre	68
Tabela 22	A variante palatal em final de vocábulo seguido de consoante quanto à faixa etária do informante na comunidade de Alto Alegre	69
Tabela 23	A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à consoante subsequente na comunidade de Alto Alegre	71
Tabela 24	A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à característica da vogal	72

antecedente na comunidade de Alto Alegre

Tabela 25	A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à extensão do vocábulo na comunidade de Alto Alegre	73
Tabela 26	A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à classe morfológica do vocábulo na comunidade de Alto Alegre	73
Tabela 27	A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à faixa etária do informante na comunidade de Alto Alegre	74
Tabela 28	A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à sonoridade da consoante seguinte na comunidade de Alto Alegre	75
Tabela 29	A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à extensão do vocábulo na comunidade de Alto Alegre	75
Tabela 30	A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à classe morfológica do vocábulo na comunidade de Alto Alegre	76
Tabela 31	A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à tonicidade da sílaba na comunidade de Alto Alegre	77
Tabela 32	A variante aspirada em final de vocábulo seguido consoante quanto à faixa etária do informante na comunidade de Alto Alegre	77
Tabela 33	O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à extensão do vocábulo na comunidade de Alto Alegre	80
Tabela 34	O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à classe morfológica do vocábulo na comunidade de Alto Alegre	81
Tabela 35	O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à tonicidade da sílaba na comunidade de Alto Alegre	81

- Tabela 36 O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à faixa etária do informante 82
- Tabela 37 O apagamento em final absoluto quanto à extensão do vocábulo na comunidade de Alto Alegre 83
- Tabela 38 O apagamento em final absoluto quanto à característica da vogal antecedente na comunidade de Alto Alegre 84
- Tabela 39 O apagamento em final absoluto quanto à faixa etária do informante na comunidade de Alto Alegre 85
- Tabela 40 O apagamento em final absoluto quanto ao sexo do informante na comunidade de Alto Alegre. 85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	16
1.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTRUTURALISMO SAUSSURIANO	16
1.2 HISTÓRICO BREVE DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	18
1.2.1 Noção de variação linguística	21
1.2.2 O tratamento da variação pela sociolinguística variacionista	26
2 ESTUDOS SOBRE A VARIAÇÃO DE /S/ EM CODA SILÁBICA	28
2.1 “COMPORTAMENTO FONÉTICO-FONOLÓGICO DO /S/ PÓS-VOCÁLICO EM MANAUS”	28
2.2 “O PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO DE HELVÉCIA-BA: ANÁLISE DA VARIÁVEL <S> EM CODA SILÁBICA”	29
2.3 “A REALIZAÇÃO DO /S/ IMPLOSIVO NO PORTUGUÊS POPULAR DE SALVADOR”	35
2.4 “COMPORTAMENTO VARIÁVEL DA FRICATIVA CORONAL PÓS-VOCÁLICA”	36
2.5 “A PRODUÇÃO PALATO-ALVEOLAR DE /S/ NAS VOZES DO AMAPÁ”	37
2.6 “ARRENTE TARRA MERMO: A ASPIRAÇÃO DE FRICATIVA NA FALA DE SALVADOR”	38
3 A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS POPULAR	39
3.1 UM POUCO DE HISTÓRIA: A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS POPULAR	39
3.2 HIPÓTESES SOBRE A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL	41
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	45
4.1 O PROJETO	45
4.2 A COMUNIDADE	46
4.3 O <i>CORPUS</i>	47
4.4 TRATAMENTO QUANTITATIVO E AS VARIÁVEIS	48
5 ANÁLISE DA VARIÁVEL <S> EM CODA SILÁBICA NO PORTUGUÊS QUILOMBOLA DA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE	49
5.1 AS VARIANTES NO <i>CORPUS</i>	50
5.1 A REALIZAÇÃO ALVEOLAR DE <S> EM CODA SILÁBICA	53
5.1.1 A realização alveolar de <S> em interior de vocábulo	53
5.1.1.1 <i>Fatores linguísticos para a realização alveolar de <S> em interior de vocábulo</i>	53

5.1.1.2 Fatores extralinguísticos para a realização alveolar de <S> em interior de vocábulo	57
5.1.2 A realização alveolar de <s> em final de vocábulo seguido de consoante	57
5.1.2.1 Fatores linguísticos para a realização alveolar de <S> em final de vocábulo seguido de consoante	58
5.1.2.2 Fatores extralinguísticos para a realização alveolar de <S> em final de vocábulo seguido de consoante	59
5.1.3 A realização alveolar de <S> em final absoluto	60
5.1.3.1 Fatores linguísticos para a realização alveolar de <S> em final absoluto de vocábulo	60
5.1.3.2 Fatores extralinguísticos para a realização alveolar de <S> em final absoluto	61
5.1.4 Algumas considerações sobre realização alveolar de <S> em coda silábica	62
5.2 A REALIZAÇÃO PALATAL DE <S> EM CODA SILÁBICA	63
5.2.1 A realização palatal de <S> em interior de vocábulo	64
5.2.1.1 Fatores linguísticos para a realização palatal de <S> em interior de vocábulo	64
5.2.1.2 Fatores extralinguísticos para a realização palatal de <S> em interior de vocábulo	66
5.2.1 A realização palatal de <S> em final de vocábulo seguido de consoante	67
5.2.2.1 Fatores linguísticos para a realização palatal de <S> em final de vocábulo seguido de consoante	67
5.2.2.2 Fatores extralinguísticos para a realização palatal de <S> em final de vocábulo seguido de consoante	68
5.2.3 Algumas considerações sobre realização palatal de <S> em coda silábica	69
5.3 REALIZAÇÃO ASPIRADA DE <S> EM CODA SILÁBICA	70
5.3.1 A aspiração de <S> em interior de vocábulo	70
5.3.1.1 Fatores linguísticos para a realização aspirada de <S> em interior de vocábulo	71
5.3.1.1 Fatores extralinguísticos para a realização aspirada de <S> em interior de vocábulo	74
5.3.2 A aspiração de <S> em final de vocábulo seguido de consoante	74
5.3.2.1 Fatores linguísticos para a realização aspirada de <S> em final de vocábulo seguido de consoante	75
5.3.2.2 Fatores extralinguísticos para a realização aspirada de <S> em final de vocábulo seguido de consoante	77
5.3.3 Algumas considerações sobre realização aspirada de <S> em coda silábica	78
5.4 O APAGAMENTO DE <S> EM CODA SILÁBICA	78
5.4.1 O apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante	79

5.4.1.1 Fatores linguísticos para o apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante	80
5.4.1.2 Fatores extralinguísticos para o apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante	82
5.4.2 O apagamento de <S> em final absoluto	83
5.4.2.1 Fatores linguísticos para apagamento de <S> em final absoluto	83
5.4.2.2 Fatores extralinguísticos para o apagamento de <S> em final absoluto	84
5.4.3 Algumas considerações sobre apagamento de <S> em coda silábica.....	86
5.5 A VARIAÇÃO DE <S> NA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	87
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS	92

INTRODUÇÃO

Com base nos princípios teóricos da Sociolinguística Variacionista, uma corrente que estuda a variação linguística correlacionando dados linguísticos com elementos de natureza social (escolaridade, idade, sexo etc), entendendo a variabilidade linguística como fenômeno estruturado e regulado, este trabalho propõe-se a analisar a variação das consoantes fricativas em coda silábica no português falado pela da comunidade quilombola de Alto Alegre, pertencente ao município de Presidente Tancredo Neves (a 263 km de Salvador). Os informantes, que forneceram as entrevistas foram contactados pelo Projeto de pesquisa *A variação em coda silábica no português quilombola da comunidade Alto Alegre: análise sociolinguística*, sediado na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, coordenado pelo professor Dr. Gredson dos Santos.

A variação da consoante /S/, seguindo modelo proposto pela Sociolinguística, será representada neste trabalho por <S>, que indica uma regra de variação, um fenômeno variável. Assim, a variável <S>, em estudo, tem como variantes: 1) fricativa alveolar ([s, z]); 2) fricativa palatal ([ʃ, ʒ]); 3) fricativa aspirada ([h, fh]); 4) apagamento (∅). A realização surda ou sonora das variantes alveolar e palatal é determinada pelo ambiente fonético em que ocorre <S>. A aspiração está sendo tomada aqui para identificar as ocorrências de <S> em que o segmento pronunciado resulta num ruído devido à abertura do espaço glotal, anteriormente estreitado devido à produção de uma vogal, fazendo com que o ar atrite contra as paredes da laringe. Além dessas formas, o <S> pode deixar de ocorrer, caracterizando o que aqui será tratado como apagamento. Eis alguns exemplos dessas variáveis: *i[s]cravo* (escravo), *i[s]cola* (escola), *i[ʃ]trada* (estrada), *ce[ʃ]ta* (cesta), *go[h]to*, (gosto), *já[h]mim* (jasmim) *Tancredo Neve∅* (Tancredo Neves), *Deu∅* (Deus).

A coda silábica, no português brasileiro (PB), é um constituinte da sílaba sujeito a variação e a intensos processos de enfraquecimento, principalmente nas normas populares. Segundo Guy (2005), existem tendências bem visíveis de redução de coda silábica, principalmente em coda externa, a consoante /S/ em coda silábica, por exemplo, é apagada frequentemente. A investigação desse fenômeno, no português popular brasileiro (PPB), pode ajudar na compreensão de fenômenos linguísticos atuais relacionados à constituição histórica do PB.

Uma análise de dados fonético-fonológicos do português falado pela comunidade de Alto Alegre, que possui uma história quilombola, possibilita fazer um rastreamento de fenômenos que podem ser associados à influência africana no PB contribuindo para entender melhor se a intensidade da variação de <S> em coda silábica no português popular brasileiro, em comparação com outras normas, pode ser associada à história de contato entre línguas. Os principais objetivos do trabalho foram: 1) Investigar a variação de /S/ em coda silábica no português falado na comunidade quilombola de Alto Alegre; 2) Analisar como se configuram os processos de enfraquecimento de <S> em coda silábica na comunidade de Alto Alegre; 3) observar se o atual quadro de variação de <S> em Alto Alegre pode ser associado ao contexto de sua formação histórica; 4) ampliar a base de dados sobre o estudo de <S> em comunidades quilombolas.

Este trabalho, portanto, buscou investigar se a intensidade da variação das consoantes /S/ pós-vocálicas no português da comunidade pode ser associada à história de contato entre a o português e as línguas africanas faladas pelos escravos que fundaram comunidade. Foram estudadas 1200 ocorrências da variável em questão. Uma das hipóteses é de que os aspectos sociais e históricos da comunidade de Alto Alegre refletem no enfraquecimento de <S>. Junto a essa hipótese outra tarefa foi observar se a variação de <S> em coda silábica pode ser associada transmissão linguística irregular como propõe Santos (2012). A análise dos dados prevê ainda hipóteses específicas sobre a atuação dos fatores condicionadores das variáveis em jogo.

Segundo Lucchesi (2003), o português popular brasileiro (PPB) é marcado por um processo de transmissão linguística irregular. A transmissão linguística irregular consistiria num processo em que os falantes africanos que adquiriram o português como segunda língua é que teriam fornecido os primeiros dados linguísticos do português, como primeira língua, para os seus descendentes, o resultado seria então, uma variedade da língua portuguesa mais próxima ou mais distante da norma-padrão. Para Santos (2012), do ponto de vista fonético-fonológico, as variedades afro-brasileiras do PPB tendem a exibir fenômenos em intensidade tal que se supõe estarem associados aos processos de Transmissão Linguística Irregular que marcaram a história de constituição e difusão do português no Brasil, em que, conforme propõe Lucchesi (2003), era comum que pais africanos, falantes do português como segunda língua, que adquiriram a língua em situações muito precárias, fossem o modelo de aquisição de português L1 para seus descendentes.

No primeiro capítulo, intitulado *A teoria Sociolinguística Variacionista*, serão discutidos alguns princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista.

No segundo capítulo, intitulado *Estudos sobre a variação de /S/ em coda silábica*, foi feita uma revisão de alguns trabalhos que tratam da variação de <S> em coda silábica no português do Brasil.

O terceiro capítulo, *A formação do português popular*, objetiva fazer um breve histórico da formação do português popular e das hipóteses que foram criadas em torno dessa formação.

No capítulo dos *Procedimentos metodológicos* está o percurso seguido, durante a pesquisa, para constituição do *corpus*, a seleção de dados e o tratamento segundo a metodologia variacionista.

Em *Análise da variável <S> em coda silábica no português quilombola da comunidade de alto alegre*, são apresentados alguns resultados do tratamento da variável mediante a análise estatística computacional feita pelo programa GOLDVARB X.

Finalmente, no último capítulo, são apresentadas as considerações finais.

1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Este capítulo tratará dos princípios teóricos da Sociolinguística Variacionista. Para introduzir este capítulo, faremos uma breve exposição sobre a concepção de língua segundo o estruturalismo saussuriano; após essa breve exposição, serão discutidos os princípios teóricos da Sociolinguística Variacionista. Em seguida, a noção de variação linguística será abordada.

1.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTRUTURALISMO SAUSSURIANO

O marco da a linguística contemporânea é a publicação, em 1916, do *Cours de Linguistique Générale* (Curso de linguística geral), escrito por Charles Bally e Albert Sechehaye, a partir de três cursos lecionados por Saussure entre 1907 e 1911, na Universidade de Genebra. “Nesta obra, estão contidos os princípios da concepção da língua como uma estrutura. A aplicação ulterior dessa concepção na análise efetiva dos fatos linguísticos e consequentemente metodológicos que resultaram no que se definiu como estruturalismo.” (LUCCHESI, 2004, p. 30).

Nesta obra, Saussure ressalta a ideia de que a língua é um sistema, isto é, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamentos, construindo um todo coerente. Segundo Costa (2011, p. 114),

o estruturalismo, portanto, compreende que a língua, uma vez formada por elementos coesos, inter-relacionados, que funcionam a partir de conjunto de regras, constitui uma organização, um sistema, uma estrutura. Essa organização dos elementos se estrutura seguindo leis internas, ou seja, estabelecidas dentro do próprio sistema.

A teoria Saussuriana propunha que a língua era homogênea, invariável e destituída de dimensão histórica. Portanto, para Saussure, era possível estudar a língua destituída de dimensão histórica; sendo assim, teoria saussuriana buscou distinguir a sincronia e a diacronia. Segundo Lucchesi (2004), Saussure acreditava que a língua poderia ser estudada fora da consideração do fator tempo, já que sua estrutura constituiria um sistema de valores em cuja lógica interna se poderia encontrar toda a sua explicação. “Assim, a dicotomia entre

sincronia e diacronia se apoia no pressuposto de que em cada estado momentâneo, a língua apresenta lógica interna que se explica a si mesma” (LUCCHESI, 2004, p. 60).

Além de excluir o fator tempo, o estruturalismo tomou a linguagem como um objeto duplo, uma vez que “o fenômeno linguístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra” (SAUSSURE, 2006, p. 15). Deste modo, para Saussure, a linguagem possui um caráter social (a língua) e um caráter individual (a fala). Para o autor, a língua é um produto social da faculdade da linguagem, em um grupo de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade do indivíduo. Já a fala é um ato individual de vontade e de inteligência do falante.

Para Lucchesi (2004, p. 49),

a concepção de língua como um sistema unitário, homogêneo e fechado em sua lógica interna apoia-se decisivamente na ideia de que a língua se impõe de maneira inexorável ao indivíduo. Assim sendo, o sistema estaria imune as intervenções das relações sociais. Situa-se, pois, na dialética entre social e o individual o ponto de superação da rígida dicotomia saussuriana. Essa contradição entre o plano social da língua e o plano individual do falante (abstraídos de suas relações sociais) se perpetuará ao longo do desenvolvimento do estruturalismo linguístico, constituindo um dos pontos cruciais a ser atacado pela ruptura epistemológica implementada pelo modelo teórico da sociolinguística variacionista, na década de 1960. Segundo esse modelo teórico, longe de acreditar passivamente na estrutura da língua, o indivíduo atua sobre essa estrutura, consoante a maneira como está inserido no contexto social.

O primeiro paradoxo com que a Sociolinguística rompeu é o de que se excluem automaticamente sistematicidade e variabilidade, assumindo que a heterogeneidade é a situação normal de uma língua em exercício numa comunidade complexa; e o que seria disfuncional é justamente a ausência de heterogeneidade. Deste modo, como observa Lucchesi (2004, p. 55), “um modelo teórico que despreza a variação e a heterogeneidade e considerava seu único objeto de estudo a língua, vista como um sistema homogêneo e unitário seria incapaz de dar conta da questão da mudança.” Portanto, a Sociolinguística Variacionista representou um dos principais esforços para romper com essas dicotomias ao considerar a heterogeneidade como constitutivo da linguagem.

1.2 HISTÓRICO BREVE DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Embora as discussões sobre a explicação da mudança através da consideração do contexto social já viessem despertando a atenção de estudiosos como Gauchat (1905) e Antoine Meillet (1920), por exemplo, como mostra Lucchesi (2004, p. 165), a perspectiva que hoje se identifica como Sociolinguística Variacionista só passou a ser sistematicamente considerada na década de 60, a partir dos estudos de William Labov sobre mudança em progresso no inglês da Ilha de Martha's Vineyard (1963) e Nova York (1966). Esse modelo, aprofundado por Labov, foi o marco fundamental para a caracterização da Sociolinguística enquanto ciência dotada de métodos, cujo objetivo foi contrapor modelos, como o estruturalismo, por exemplo, que acreditavam que língua era homogênea e invariável, como já foi descrito anteriormente. Esse modelo firma o seu lugar ao provar que a variação está ligada ao sistema linguístico e que uma determinada língua jamais será igual em determinado grupo social e numa dada época. Para Bright (1966 apud Calvet, 2002, p. 21), “uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas é correlata às diferenças sociais sistemáticas”.

Lucchesi (2004, p. 166) argumenta que, para

confirmar a relação entre variação e mudança como um caminho privilegiado para estudar o processo da mudança linguística, foi preciso superar a variação em larga medida livre e não-condicionada. Era preciso considerar a variação como parte integrante do sistema linguístico para que ela constituísse objeto da análise linguística sistemática; rompendo, assim, com a visão estruturalista de que o sistema linguístico seria o domínio da invariância. A tarefa de determinar a sistematicidade da variação levantava a necessidade de considerar os chamados fatores externos na análise linguística, pois o que era, no plano estritamente linguístico, aleatório.

Sem dúvida, o trabalho desenvolvido por Labov na Ilha Martha's Vineyard, em Nova York, foi a chave para descobrir os padrões que governam a variação na estrutura linguística (LUCCHESI, 2004).

Em nossos estudos das comunidades de fala de Martha's Vineyard e da cidade de Nova York, relações regulares foram encontradas onde estudos anteriores mostravam oscilações caóticas e variação livre massiva. Essa descoberta nos capacita estabelecer um número de padrões sociolinguísticos concernentes às relações de variação estilísticas, estratificação por classes sociais e avaliação subjetiva. (LABOV, 1972, p. 160 apud LUCCHESI, 2004, p. 167).

A pesquisa de Labov em Martha's Vineyard mostra que, entre os habitantes da Ilha, o ditongo /ay/ tende a ser mais centralizado, ou seja, a sua pronúncia é mais perto do /e/. O pesquisador buscou correlacionar os traços linguísticos (a centralização do ditongo por parte dos moradores da ilha) e traços sociológicos: distribuição da centralização segundo a divisão geográfica (ilha baixa/ ilha alta), distribuição segundo os grupos sociais (pescadores, agricultores e outros) e segundo a etnia de origem (inglesa, português e indiana), etc. (CAVELT, 2002)

Segundo Calvet (2002, p. 80-81),

Willian Labov foi o primeiro a trabalhar de modo convincente essas questões, estudando o tratamento de duas semivogais na população de uma ilha situada junto a costa de Massachusetts, Martha's Vineyard: a pronúncia do ditongo /ay/ em palavras como *right, white, pride, wine ou wife* e do ditongo /aw/ em palavras como *house, out, doubt* etc.

Além dos estudos na Ilha de Martha's Vineyard, Labov desenvolveu outra pesquisa na cidade Nova York, onde o autor analisou a estratificação do /r/ nas grandes lojas nova-iorquinas, definindo ao mesmo tempo sua metodologia e sua teoria das relações entre as estratificações linguísticas e as estratificações sociais. Nesta pesquisa, Labov estudou o tratamento variável /r/ em posição pós-vocálica em palavras como *car, card, four, fourth* (CAVELT, 2002). A metodologia da pesquisa se dava da seguinte forma: o autor perguntava aos funcionários de três grandes lojas, de andares diferentes, como chegar à determinada prateleira de determinado produto ou em qual andar eles se encontravam, a fim de que os funcionários utilizassem a forma fonética *fourth floor*. Labov percebeu que a forma de pronúncia do /r/ pelos funcionários variavam de acordo com localização geográfica das lojas, os preços praticados e veículos nos quais inseriam a publicidade.

O percurso trilhado por Labov em seus estudos contribuiu bastante para o desenvolvimento da teoria sociolinguística variacionista. Entretanto, essa teoria formaliza-se em 1968 quando Labov juntamente com Marvin Herzog e Uriel Weinrich lançam o texto programático da Sociolinguística, o *Empiric l Foundations for a Theory of Language Change* (Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística). Os autores expõem criticamente, no texto, as tradições neogramáticas, estruturalista e gerativista e, a partir dos paradoxos que localizam e dos importantes estudos empíricos que cada um deles desenvolveram até então; Weinreich, Labov e Herzog, sistematizaram um conjunto de princípios para o estudo da mudança linguística entendendo que língua é um fenômeno

caracterizado pela heterogeneidade ordenada. Na parte final da obra, os autores abordam os cinco problemas, a serem resolvidos, que consideram fundamentais para um tratamento adequado da mudança linguística. São eles: o problema dos fatores condicionadores, o problema de transição, o problema do encaixamento, o problema de avaliação e o problema de implementação. Esses cinco problemas serão detalhados a seguir.

O problema dos *fatores condicionadores* diz respeito um a “conjuntos de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança” (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968], p. 121). Segundo Lucchesi (2004, p. 173) o conjunto desses fatores “remete à questão de definir quais condições que favorecem ou restringem as mudanças, e, por conseguinte, qual o conjunto das mudanças linguísticas possíveis”.

O problema de *transição* diz respeito a como e por quais caminhos a língua muda. Para Camacho (2013, p. 97), são “etapas sucessivas de mudanças contínuas de uma geração para outra na passagem da estrutura A para a estrutura B”. Para Lucchesi (2004, p. 174), “quanto mais acurada for a resposta do problema de transição, maior será a compreensão dos linguistas sobre o processo através do qual a mudança linguística acontece”.

O problema do *encaixamento* diz respeito ao fato de que as mudanças linguísticas devem estar encaixadas tanto na estrutura linguística quanto na estrutura social. Segundo Camacho (2013, p. 98), “na medida em que as variáveis são intrínsecas, definidas por covariação com elementos linguísticos e extralinguísticos, ela tanto se refere ao modo como a mudança estaria encaixada na estrutura linguística, quanto no sistema de relações sociais”.

O problema de *avaliação* diz respeito a como o falante, membro de determinada comunidade, avalia a mudança e os efeitos dessa avaliação sobre o processo de mudança. Para Lucchesi (2004), o problema de avaliação levanta uma importante discussão acerca do papel do indivíduo frente a mudança e frente a própria língua.

O problema de *implementação* procura descrever os mecanismos de causa e efeito que constitui o processo da mudança (LUCCHESI, 2004, p. 79). A questão central da implementação é pensar por que certa mudança pode ter ocorrido no tempo e no lugar em que ocorreu e entender porque não ocorreu em outro espaço em que haveria condições idênticas para a implementação.

Para Lucchesi (2004, p. 173), “através da consideração desses cinco problemas, é possível não apenas reconhecer os pontos em que a explicação sociolinguística da mudança

supera a explicação estrutural-funcional, como também as características desta que se perpetua naquela”.

O que a sociolinguística variacionista busca é correlacionar às variações existentes no plano linguístico, conforme as diferenças de natureza social, entendendo cada domínio, o linguístico e o social, como fenômeno estruturado e regulado. A linguagem é a expressão mais característica do comportamento social dos sujeitos. Portanto, para sociolinguística variacionista, é impossível analisar a língua sem levar em consideração a sua relação com a sociedade, pois ambas estão amplamente relacionadas entre si, ou seja, não se pode estudar a língua sem levar em conta os fatores externos. Segundo Lucchesi (2004, p. 167),

a teoria sociolinguística, apesar de reconhecer que observar o encaixamento da mudança na estrutura linguística é o primeiro passo para entender o mecanismo de mudança, afirma que, apenas a consideração desses fatores estruturais internos não é suficiente para construir uma explicação da mudança.

Desse modo, a Sociolinguística Variacionista desenvolve suas pesquisas fazendo um exame da linguagem no seu contexto social, buscando estudar as relações que existe entre língua e sociedade, onde serão observados os casos de variações na fala e, de maneira secundária, na escrita de uma comunidade ou de um grupo social (DIAS-CAMPOS, 2014, p. 7)¹. Para Camacho (2003), ao se trabalhar a variação, tende-se mostrar que a língua não é uniforme a todos os territórios e que esta pode variar dependendo do seu contexto social.

1.2.1 Noção de variação linguística

Na concepção sociolinguística, a língua é heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. Deste modo, a Teoria da Variação linguística considera a língua em seu contexto sociocultural, uma vez que parte da explicação de que a heterogeneidade que emerge nos usos linguísticos concretos pode ser encontrada em fatores externos ao sistema linguístico e não apenas fatores internos à língua. Como observou Mollica (2012, p. 9-10),

¹ La sociolinguística se encarga del estudio del habla oral y de manera secundaria de la escritura, pues uno de los objetivos fundamentales es entender cómo los miembros de la comunidad emplean el habla en situaciones de la vida cotidiana y cómo esos usos reflejan la posición del individuo en el grupo social al que pertenece.

a sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível.

Para a sociolinguística variacionista é fundamental o princípio de que a heterogeneidade é um aspecto intrínseco à natureza da língua e que essa heterogeneidade não é fortuita e aleatória, mas pode ser regido por regras, o que a sociolinguística denominou de regra variável. Segundo Tarallo (2004),

uma vez feita à análise segundo o modelo proposto, o aparente caos desaparecerá e a língua falada avultará como um sistema devidamente estruturado. Os resultados finais da análise propiciarão a formulação das regras gramaticais. Estas, no entanto, devido à própria essência e natureza da fala, não poderão ser categóricas, optativas ou obrigatórias. Serão conseqüentemente, regras variáveis, pois o favorecimento de uma variante e não de outra decorre de circunstancia linguísticas (condicionamento das variantes por fatores internos) e não-linguísticas (condicionamento das variantes por fatores externo, tais como: faixa etária, classe social etc.) apropriada a uma regra específica. Trata-se, portanto, de um sistema linguístico de probabilidades. Variação livre (ou não-condicionamento das variantes), como a preconizavam os estruturalista das décadas de 20 e 30, não encontram respaldo nesse modelo. (TARALLO, 2004. p.11)

Como afirma Tarallo (2004), a variação, portanto, não é livre como propunha o estruturalismo, mas regida por regras que são denominadas de regras variáveis, pois o favorecimento de uma variante e não de outra decorre de circunstância linguística e extralinguística.

Assim, um estudo que propõe analisar o componente social não pode dispensar os estudos sobre a variação linguística. A teoria da variação linguística foi formulada para assumir o princípio de que a variação é sistemática e sistematizável.

A variação linguística ocorre nos seguintes níveis de uma língua: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e estilístico-pragmático.

- O nível fonético-fonológico acontece quando uma palavra é pronunciada de forma diferente, seja pelo acréscimo, decréscimo ou substituição/troca de um fonema. Como ocorre, por exemplo, na monotongação de [ay] que ocorre na palavra *goiab[ei]ra* > *goiabera* ou na pronuncia da vocábulo *chocolate* > *ch[ɔ]colate*;

- O nível morfológico ocorre quando as palavras apresentam modificações nas suas formas. Uma palavra pode apresentar sufixos diferentes para expressar uma mesma ideia, por exemplo: *pegajoso* e *peguento*;
- O nível sintático se dá quando existe variação na posição dos termos na construção de uma frase, ou seja, o sentido geral da frase é o mesmo, mas os elementos estão organizados de maneiras diferentes. E também na concordância nominal e verbal. São exemplos de variação sintática: *esse é um filme de que eu gosto muito/ esse é um filme que gosto muito/ esse é um filme que gosto muito dele*, ou em *as meninas moram aqui/ as menina mora aqui*;
- O nível semântico ocorre quando há uma variação no significado/sentido da palavras, ou seja, em uma região uma palavra vai ter um significado e em outra região ela pode apresentar um sentido totalmente diferente. “A palavra *vexame* pode significar “vergonha” ou “pressa”, dependendo da origem regional do falante” (Bagno, 2007, p. 40);
- O nível lexical acontece quando as palavras têm estruturas diferentes, mas se referem à mesma coisa, como por exemplo, *sutiã*, *califon*, *porta seio*;
- O nível estilístico-pragmática ocorre quando em diferentes situações de interação social, o falante marca uma situação por grau maior ou menor formalidade do ambiente e da intimidade entre os falantes, podendo ser utilizada pelo mesmo falante em situações distintas de interação, como por exemplo: *queiram entrar, por favor/ vamo entrando aí, galera*.

Este estudo trabalhará com a variação fonética-fonológica, uma vez que se propõe a estudar a variação de <S> em coda silábica.

As variações que se manifestam nos usos do sistema representam formas diferentes de dizer a mesma coisa. Segundo Mollica (2012), a variação linguística pode ocorrer nos eixos diatópico e diastrático. Além desses dois tipos de variação existe também a variação diafásica, variação diamésica e variação diacrônica.

A variação diatópica dizem respeito às diferenças linguísticas que estão ligadas ao modo de falar de lugares diferentes, ou seja, essa variação pode ser influenciada por fatores de ordem geográfica. Segundo Bagno (2007), “A língua varia de um lugar para outro; assim

podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado”. Por exemplo, baianos e cariocas possuem características diferentes na fala; os baianos tentem a pronunciar o /S/ alveolar, como em *escola* enquanto os cariocas tendem a pronunciar palatal, com em *e[ç]ola*. Portanto, a variação diatópica observa as alternâncias que ocorrem regionalmente, considerando-se os limites físico-geográficos.

Já a variação diastrática representa um conjunto de fatores que estão relacionados à identidade e à organização sociocultural dos sujeitos. Esses fatores são:

- *classe social*: a classe social a qual o sujeito pertence exerce fortes influências na forma de falar, por exemplo, as pessoas que têm renda muito baixa não falam do mesmo modo que as pessoas que possuem renda média ou alta. Na frase “*Anteø era aqui depoiø botaro pra lá*” dá indícios de que esse falante pertence a uma classe social mais baixa.
- *idade*: “os adolescentes não falam da mesma forma dos pais, nem estes pais falam como as pessoas das gerações anteriores” (BAGNO, 2007, p.43). O /S/ em final absoluto de sílaba (*Jesuiø*), por exemplo, tende a ser apagado mais frequentemente pela faixa etária mais velha;
- *escolaridade*: o acesso maior ou menor à educação formal é um fator importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes sujeitos (BAGNO, 2007, p. 43). Por exemplo, falantes com baixa escolaridade tendem a não realizar a concordância, com em: *as menina bonita*;
- *sexo*: segundo Bagno (2007), homens e mulheres usam os recurso que a língua oferece de forma diferente. Alguns estudos sociolinguísticos têm mostrado que as mulheres tendem a usar mais a forma padrão do que os homens. Neste estudo, por exemplo, como será visto mais a frente, os homens tendem realizar mais o apagamento de <S> (forma não-padrão) do que as mulheres. Esse apagamento aconteceu em palavras como *Dewø* (Deus), *Jesuyø* (Jesus) e *fiø* (fiz).

Deste modo, a variação diastrática concerne aos fenômenos que se manifestam de acordo com os diferentes estratos sociais, levando em consideração as fronteiras sociais.

Na variação estilística ou diafásica, o sujeito pode variar o modo de falar, individualmente, de maneira mais consciente ou menos consciente, isso depende da situação de comunicação que ele se encontra. Essa variação ocorre em situações com um maior ou menor grau de formalidade, com uma tensão psicológica maior ou menor, em ambiente que transmite insegurança ou autoconfiança e em situações com um grau de intimidade maior ou menor. Cada um desses tipos de situação exigirá do sujeito um controle e um planejamento maior ou menor no processo de comunicação. Portanto, a variação estilística são alternâncias de formas linguísticas que o sujeito utiliza de acordo com o contexto no qual está concentrada sua situação comunicativa. Como salienta Camacho (2003, p. 61),

a variação estilística não se restringe a determinações motivadas por origem sociocultural e geográfica. Um mesmo indivíduo pode alterar entre diferentes formas linguísticas de acordo com a variação das circunstâncias que cercam a interação verbal, incluindo-se o contexto social, propriamente dito, o assunto tratado, a identidade social do interlocutor etc.

Quanto à variação diamesica, segundo Bagno (2007), esta se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita. Ainda segundo o autor, na análise dessa variação é fundamental o conceito de gênero textual. Já a variação diacrônica, esta pode ser verificada na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua, como, por exemplo, existem formas mais antigas, que desaparecem da língua, como no caso dos verbos *eu senço* (português arcaico) e *eu sinto* (português atual); *eu paresco* (português arcaico) e *eu pareço* (português atual) (BAGNO, 2007). As línguas mudam com tempo e os estudos das diferentes etapas são de grande interesse para os linguistas.

Assim, a Sociolinguística entende a variação como um fenômeno normal e inerente a qualquer língua e, para uma investigação detalhada sobre a variação, os sociolinguistas selecionam um conjunto de fatores que podem contribuir na identificação dos fenômenos da variação linguística. Esses fatores podem estar ligados à origem geográfica, à idade, ao sexo, ao grau de escolarização e ao *status* socioeconômico dos falantes, como já foi citado anteriormente. Esses fatores são determinantes para um mapeamento e para mostrar a identidade do falante e a organização sociocultural da comunidade de fala. Pensando nessa perspectiva, Bagno (2007, p. 44) afirma que: “selecionando fatores sociais e fenômenos linguísticos relevantes para o estudo, a pesquisa sociolinguística permite que a gente faça um retrato bastante fiel de como é a realidade dos usos da língua no Brasil.”

1.2.2 O tratamento da variação pela sociolinguística variacionista

O material básico para a sociolinguística é o vernáculo. Segundo Tarallo (2004), o vernáculo é apreendido nos momentos em que o mínimo de atenção é prestado a fala, ao como da enunciação.

Um dos princípios básicos da sociolinguística é o de que a variação na fala não é um resultado aleatório de um uso arbitrário e inconsequente dos falantes, mas um processo sistemático e regular de uma propriedade funcional e inerente aos sistemas linguísticos, que é a possibilidade de variação (CAMACHO, 2003). Deste modo, como já foi exposto, a variação linguística não é aleatória, fortuita, caótica; pelo contrário, ela possui uma regularidade, ou seja, é estruturada, sistematizada e previsível, pois os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais.

As formas linguísticas em variação em determinada comunidade recebem o nome de variantes linguísticas. As variantes linguísticas compreendem as diversas formas de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor. Segundo Díaz-Campos (2014), o uso da palavra variante implica dizer que o falante seleciona entre duas ou mais opções, de uma maneira de pronunciar, uma estrutura gramatical, uma palavra, tem o mesmo valor para os membros de um grupo. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística. Segundo Calvet (2002, p. 91), “temos, pois *variável linguística* quando duas ou mais formas diferentes permitem dizer a mesma coisa, ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles mantêm têm uma função outra estilística ou social.”

As variáveis sociais ou externas são tudo aquilo que não for estritamente linguístico, ou seja, nas variáveis sociais, reúnem-se os fatores que são inerentes ao indivíduo, como o sexo do falante, o nível de escolaridade, a idade e a classe social. As variáveis linguísticas são tudo aquilo que estritamente linguístico, ou seja, elementos que são internos a língua, por exemplo, a classe da palavra, a consoante seguinte e a vogal anterior são fatores linguísticos que podem influenciar na variação. Para Mollica (2012),

das variáveis externas ou não linguísticas, registram-se os marcadores regionais predominantes em comunidades facilmente identificadas geograficamente, em simultaneidade a indicadores de estratificação estilístico- social, de forma que a variação projeta-se num contínuo em que se pode descrever tendências de usos linguísticos de comunidades de fala caracterizadas diferente quanto ao perfil social. (MOLLICA, 2012, p. 27)

As variáveis, tanto linguísticas quanto não linguísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlação que inibem ou favorecem o emprego de formas semanticamente equivalentes (MOLLICA, 2012). Portanto, correlacionando a estrutura linguística variável com fatores da estrutura social, pode-se observar como uma determinada variante estaria difundindo-se no meio social.

A Sociolinguística Variacionista busca fazer uma descrição quantitativa de um fenômeno variável, tendo como objetivo analisar, apreender e sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala. Para tanto, leva-se em consideração a influência que cada fator, linguístico ou extralinguístico, possui na realização de uma ou de outra variante. Sendo assim, a análise sociolinguística busca estabelecer uma relação entre o processo de variação que se observa na língua em um determinado momento (sincronia) com os processos de mudança que estão acontecendo na estrutura da língua ao longo do tempo (diacronia). Nesse sentido, a teoria da variação linguística, estuda a relação entre a língua e a sociedade, observando os casos de variações na fala de uma comunidade ou de grupo social. Não é possível estudar a língua sem levar em conta as relações que os sujeitos estabelecem com o seu meio social.

2 ESTUDOS SOBRE A VARIAÇÃO DE /S/ EM CODA SILÁBICA

Este capítulo objetiva fazer uma revisão de alguns trabalhos que tratam da variação de <S> em coda silábica no português do Brasil. A revisão desses trabalhos permitirá que tenhamos uma visão geral de como vêm sendo desenvolvidas as pesquisas sobre o /S/ em coda silábica no Brasil.

2.1 “COMPORTAMENTO FONÉTICO-FONOLÓGICO DO /S/ PÓS-VOCÁLICO EM MANAUS”

Marins e Margotti (2012) investigaram o comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico, tanto em posição medial, quanto em posição final, na cidade de Manaus, utilizando os dados coletados para o Atlas Linguístico do Brasil- ALIB. O *corpus* estudado, composto de gravações de 8 informantes nascidos e criados na cidade de Manaus, é uma amostra da coleta realizada pelo Projeto ALIB. Os 8 informantes, sendo 4 homens e 4 mulheres, foram distribuídos em duas faixas etárias (18 a 30 anos e de 45 a 60 anos). Para essa análise também foram controlados os níveis de escolaridade; os autores optaram por informantes do ensino fundamental (completo ou incompleto) e ensino superior (completo ou incompleto). Vale ressaltar, também, que os autores consideraram para análise a repetição de palavras.

No desenvolvimento da pesquisa, os autores constataram que há três variantes do /S/ pós-vocálica na fala dos informantes: a fricativa alveolar surda e sonora, a fricativa pós-alveolar e a fricativa glotal/inspirada. Em posição interna de vocábulo, foram analisados 355 dados, sendo 178 ocorrências da fricativa alveolar surda e sonora; 167 ocorrências da fricativa pós-alveolar e apenas 10 ocorrências da fricativa glotal/inspirada surda e sonora. Em posição final de palavra, foram encontrados 286 dados do /S/ pós-vocálico, sendo 192 ocorrências da variante alveolar surda e sonora; 94 ocorrências da variante pós-alveolar surda e sonora e nenhuma ocorrência da variante glotal/inspirada.

Os autores observam que, em posição medial, a fricativa alveolar e a pós-alveolar apresentam uma distribuição homogênea (50,1% e 47%). Em posição final, a fricativa alveolar mostrou-se predominante (67,1%). No que se refere ao encaixamento

extralinguístico, em interior de vocábulo, referentes ao sexo, mostram que os homens utilizam com mais frequência à fricativa alveolar, com 68% das ocorrências, enquanto as mulheres utilizam a fricativa pós-vocálica, com 69% das ocorrências. Em relação à fricativa glotal há uma distribuição homogênea tanto na fala dos homens (3,1%) quanto na fala das mulheres (2,4%). Em posição final de vocábulo, os homens utilizam quase categoricamente a variante fricativa alveolar, com 92,3% das ocorrências, enquanto as mulheres utilizam a fricativa pós-alveolar com mais frequência, com 63% das ocorrências. No fator faixa etária, foi observado que em posição final de palavra os mais jovens tendem a usar com mais frequência à fricativa pós-alveolar (38,2%) em relação aos mais velhos (27%).

2.2 “O PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO DE HELVÉCIA-BA: ANÁLISE DA VARIÁVEL <S> EM CODA SILÁBICA”

Na Tese intitulada *O português afro-brasileiro de Helvécia-Ba: análise da variável <s> em coda silábica*, Santos (2012) faz uma análise das realizações do /s/ pós-vocálico na comunidade quilombola de Helvécia-Ba. Trata-se de um estudo de cunho sociolinguístico que tem por objetivo analisar a variação das consoantes fricativas em posição de coda. Para a constituição do *corpus*, Santos selecionou as 200 primeiras ocorrências da variável <s> em 12 entrevistas, o que totalizou 2.400 ocorrências. As entrevistas foram extraídas da fala informal de seis homens e seis mulheres sem escolarização, naturais de Helvécia, estratificados em três faixas etárias: faixa I, de 20 a 40 anos; faixa II, de 40 a 60 anos e faixa III, mais de 60. Na análise das ocorrências, o autor levou em consideração as seguintes condições: a) foram excluídos os casos em que <S> possuía valor de plural; b) foram excluídos os casos em que <S> encontrava-se no fim de um vocábulo seguido de vogal; d) foram excluídas as ocorrências de <S> quando este se encontrava antes de [s, z, ʃ, ʒ, h, fi].

O *corpus* ficou distribuído da seguinte forma: as realizações alveolares, no *corpus*, somaram 1.076, correspondendo a 44,83% do total de ocorrências de <S>; as realizações aspiradas somaram 537, correspondendo a 22,37% do total de ocorrências; o apagamento somou 432, correspondendo a 18% do total de ocorrências de <S>; e as realizações palatais somaram 355, correspondendo a 14,79% do total de ocorrências de <S>.

As realizações alveolares ficaram distribuídas da seguinte forma: interior de vocábulo, com 512 ocorrências; final de vocábulo seguido de consoante, com 416 ocorrências e final absoluto, com 147 ocorrências.

- Em interior de vocábulo as realizações alveolares somaram 512, correspondendo a 48% do total de ocorrências. No que diz respeito ao encaixamento linguístico, o programa GOLDVARB 2001 considerou os seguintes fatores como importantes para realização alveolar: *extensão do vocábulo em que se encontra a variável, contexto consonantal subsequente à variável, sonoridade da consoante seguinte à variável, classe do vocábulo em que se encontra a variável*. No contexto extralinguístico são considerados como fatores importantes a *faixa etária* e o *sexo do informante*. No fator extensão do vocábulo, Santos (2012) observou que são os vocábulos com três ou mais sílabas, com peso relativo de 0,60, que favorecem a realização alveolar; no contexto consonantal subsequente à variável, as consoantes que favorecem essa realização são as oclusivas velares (P.R. 0,99), fricativas labiodentais (P.R. 0,98) e a nasal labial (P.R. 0,85); quanto à sonoridade da consoante, são as consoante não sonoras (P.R. 0,68) que favorecem a realização alveolar; no que diz respeito a classe do vocábulos, os verbos (P.R. 0,56) é a classe em que mais ocorre a realização alveolar. No que tange ao contexto extralinguístico, o autor observou que são os informantes da faixa etária mais jovem (P.R. 0,71) e mulheres (P.R. 0,58) que favorecem a realização alveolar.
- Em final de vocábulo seguido de consoante, as realizações alveolares somaram 416, correspondendo a 40% do total de ocorrências. Nesse contexto, os fatores linguísticos considerados como relevantes foram: *contexto vocálico antecedente à variável, contexto consonantal subsequente, sonoridade da consoante seguinte*. No que concerne a fatores extralinguísticos, foram considerados importantes para realização alveolar à *faixa etária* e o *sexo do informante*. No que tange ao contexto vocálico antecedente, Santos (2012) observa que são as vogais /i/ (P.R. 0,91), /ε/ (P.R. 0,81), /w/ (P.R. 0,79) e /e/ (P.R. 0,63) que favorecem a realização em final de vocábulo seguido de consoante; no que diz respeito ao contexto consonantal subsequente são as consoantes fricativas labiodentais (P.R. 0,70), oclusivas velares (P.R. 0,69) e oclusivas labiais (P.R. 0,68) que favorecem essa realização. Quanto à sonoridade da consoante, são as consoantes não-sonoras, com peso relativo de 0,77, que favorecem a realização alveolar nesta posição. No contexto extralinguístico, Santos (2012)

observa, mais uma vez, que são os falantes da faixa etária mais nova (P.R. 0,72) e as mulheres (P.R. 0,66), que mais favorecem essa variável nesta posição.

- Em final absoluto, as realizações alveolares somaram 147, correspondendo a 46% do total de ocorrências. Nesta posição o fator linguístico selecionado foi o contexto vocálico. No que diz respeito ao fator extralinguístico o programa selecionou a faixa etária e sexo do informante. Segundo Santos (2012), o programa GoldVarb 2001 considerou como fator de maior importância para realização alveolar o fator extralinguístico faixa etária, são os falantes da faixa etária I, com peso relativo de 0,75, tendem a favorecer a realização dessa variável. Quanto ao sexo do informante, são as mulheres, com peso relativo de 0,66, que favorecem a realização alveolar em final absoluto.

As realizações aspiradas ficaram distribuídas da seguinte forma: interior de vocábulo, com 181 ocorrências e final de vocábulo seguido de consoante, com 330 ocorrências e final absoluto, com 26 ocorrências;

- As realizações aspiradas em interior de vocábulo somaram 181, correspondendo a 17% do total de ocorrências. Os fatores linguísticos selecionados como importantes para essa realização foram: a *sonoridade da consoante seguinte*, o *tipo de consoante* e a *vogal e a semivogal antecedente*. No contexto extralinguístico foi selecionada a *faixa etária do informante*. No que diz respeito a vogal e a semivogal antecedente, Santos (2012) observou que a semivogal /y/ (0,99) e as vogais /u/ (0,78), /ɔ/ (0,72), /a/ (0,60), /e/ (0,57), /o/ (0,56) contribuem para a realização aspirada. No fator contexto consonantal subsequente, são as consoantes africadas (0,85) e nasal labial (0,76) que contribuem para a realização aspirada nesta posição. Quanto a sonoridade, são as consoantes sonoras (0,91) que favorecem esta realização. No que diz respeito a faixa etária do informante, são os falantes da faixa etária I (0,73) que favorecem a realização aspirada em interior de vocábulo.
- Em final de vocábulo seguido de consoante, somaram 330, correspondendo a 32% do total de ocorrências. Os fatores linguísticos selecionados como importantes para essa realização foram o *tipo de consoante seguinte*, a *sonoridade da consoante seguinte* e o *contexto vocálico e semivocálico antecedente*. No contexto extralinguístico foram selecionados a *faixa etária* e *sexo do informante*. As consoantes consideradas como favorecedoras a essa realização foram as africadas (0,81), a nasal alveolar (0,71),

lateral (0,69), nasal labial (0,54) e as oclusivas alveolares (0,53). No que diz respeito à sonoridade, são as consoantes sonoras (0,69) que favorecem a realização aspirada nesse contexto. Quanto à vogal e semivogal, é a semivogal /y/ (0,61) e as vogais /ɔ/ (0,66) e /a/ (0,54) que favorecem essa realização. No que diz respeito ao fator extralinguístico, são os falantes da faixa III (0,72) e da faixa etária II (0,54), e os homens (0,70) que favorecem essa realização.

- As realizações aspiradas em final absoluto somaram 26, correspondendo a 8% do total de ocorrências. O único fator linguístico selecionado foi o fator contexto vocálico e semivocálico antecedente é a vogal /ɔ/ (0,76) e a semivogal /y/ (0,69) que influencia a realização aspirada nesta posição. Quanto ao contexto extralinguístico foram selecionados a faixa etária e o sexo do informante; são os falantes da faixa etária III (0,82) e da faixa etária II (0,63) e os homens (0,67) que favorecem a realização aspirada nesta posição.

O apagamento, no trabalho de Santos (2012), foi a terceira variante mais usada pelos falantes da comunidade de Halvécia. Essa realização ficou distribuída da seguinte forma: interior de vocábulo, com 36 ocorrências e final de vocábulo seguido de consoante, com 254 ocorrências e final absoluto, com 142 ocorrências.

- O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante somou 254, correspondendo a 24% do total de ocorrências. Nessa posição, o Programa selecionou como fatores linguísticos relevantes para o apagamento, *tonicidade da sílaba em que se encontra a variável, classe do vocábulo em que se encontra a variável, contexto vocálico antecedente e sonoridade da consoante seguinte*. Como fator extralinguístico relevante ao apagamento, o programa selecionou a *faixa etária* dos informantes. Segundo Santos (2012), a faixa etária do informante foi considerada a mais relevante para o apagamento de <S>: são os falantes da faixa etária mais velha (0,76) que mais favorecem essa realização, enquanto os falantes das faixas etárias mais novas desfavorecem fortemente essa realização. No que diz respeito aos fatores linguísticos, os resultados de Santos (2012) mostram que, nessa posição, as sílabas átonas aparecem como favorecedoras do apagamento (0,93), ao passo que as sílabas tônicas (0,45) se mostram desfavorecedoras. No que concerne à classe morfológica do vocábulo são os pronomes (0,91), os verbos (0,73) e os nominais (0,68) que favorecem o apagamento. Com relação ao contexto vocálico antecedente é a semivogal /y/ (0,69) e a vogal /u/ (0,58) que favorecem essa realização. Quanto à

sonoridade da consoante seguinte, Santos (2012) mostra que são as consoantes desvozeadas (0,58) que favorecem essa realização, quanto às vozeadas aparecem como desfavorecedoras.

- O apagamento em final absoluto de vocábulo somou 142, correspondendo a 45% do total de ocorrências. Segundo Santos (2012), o Programa selecionou como fatores linguísticos importantes para o apagamento nessa posição: o *contexto vocálico antecedente à variável*, a *extensão do vocábulo*, a *classe morfológica do vocábulo* e a *tonicidade da sílaba em que se encontra a variável*. O fator extralinguístico considerado como importante para o apagamento foi a *faixa etária* do informante. Vale ressaltar que aqui também foi a faixa etária do informante que foi considerada como fator de maior importância para o apagamento; são os falantes da faixa etária III (0,78) e da faixa etária II (0,78) que favorecem essa realização, enquanto os falantes da faixa etária I desfavorecem fortemente essa realização. No contexto linguístico, segundo Santos (2012), é a vogal /u/ (0,74) e as semivogais /y/ (0,66) e /w/ (0,64) que favorecem o apagamento em final absoluto. No que diz respeito à extensão do vocábulo, são as palavras dissílabas (0,77) que favorecem essa realização, enquanto as polissílabas (0,44) e monossílabas (0,36) desfavorecem-na. No que concerne à variável classe morfológica do vocábulo, são os conectivos (0,82) pronomes (0,62), nominais (0,58) e verbos (0,57) que favorecem o apagamento nessa posição. Quanto à tonicidade da sílaba, são os vocábulos átonos (0,88) que favorecem o apagamento, enquanto os tônicos (0,41) desfavorecem essa realização.

As realizações palatais ficaram distribuídas em duas posições: interior de vocábulo, com 332 ocorrências e final de vocábulo seguido de consoante, com 23 ocorrências. Como é possível perceber as realizações palatais de <S> concentram-se mais em interior de vocábulo. Por conta das poucas ocorrências em final de vocábulo seguido de consoante, Santos (2012) analisou as ocorrências de palatalização apenas em interior de vocábulo.

- Em interior de vocábulo as realizações palatais somaram 322, correspondendo a 31% do total de ocorrências. No que diz respeito ao encaixamento linguístico o programa selecionou as seguintes variáveis: *classe morfológica do vocábulo em que se encontra a variável*, *contexto consonantal subsequente*, *sonoridade da consoante seguinte*, *contexto vocálico antecedente*. Quanto ao contexto extralinguístico, o programa selecionou a *faixa etária* e o *sexo dos informantes* como fatores importantes para a realização palatal. No que diz respeito à classe morfológica do vocábulo, o programa

considerou os determinantes (0,95), os nominais (0,68) e os verbos (0,68) como as classes que favorecem essa realização. No que tange à consoante subsequente, o programa selecionou apenas duas consoantes: as africadas (0,63) que apareceram como favorecedoras e as oclusivas alveolares (0,47) que apareceram como desfavorecedoras a essa realização. No que concerne à sonoridade, são as consoantes desvozeadas (0,70) que aparecem como favorecedoras. Quanto a vogal que antecedente, o programa selecionou como favorecedora a essa realização as vogais /ε/ (0,73) e /i/ (0,59). A respeito do contexto extralinguístico o programa mostrou que são os falantes da faixa etária III (0,79) e da faixa II (0,83) e os homens (0,64) que mais favorecem a realização palatal em interior de vocábulo.

Após as análises, Santos (2012) conclui que:

- a variante que predomina em Helvécia é a alveolar, respondendo por quase 45% das ocorrências de <S>, seguida pela variante aspirada (22,37%), pela variante zero (18%) e pela variante palatal (14,79%). Santos (2012) também nota que as variantes [h] e Ø atingem um percentual que é muito próximo ao atingido pela variante majoritária: 40,47%.
- Quanto aos fatores linguísticos que influenciam a escolha de cada variante pela comunidade de fala, foi possível perceber que, para o <S> alveolar em interior de vocábulo e em final seguido de consoante, o contexto consonantal é o grande influenciador. A aspiração de <S> é influenciada em ambientes fônicos seguidos das consoantes seguintes africadas, nasais, laterais e alveolares e nos quais essas consoantes são sonoras. A variante zero é favorecida principalmente por ambientes em que a sílaba em que <S> está é átona e, quando é seguida por uma consoante surda. A variante palatal, restrita, na análise variável, ao interior de vocábulo se apoia na consoante africada seguinte à variável.
- No que concerne ao encaixamento social do quadro de variação de <S> em coda silábica, Helvécia se aproxima dos modelos das normas cultas, já que os mais jovens são os que mais empregam a variante alveolar e rejeitam fortemente as variantes não-padrão.
- No que tange ao apagamento de <S>, Santos (2012) diz que é possível associar o quadro visto em Helvécia ao esquema analítico da transmissão linguística irregular, na medida em que, no campo da aquisição de <S>, essa aquisição pode ter sido

comprometida pela pouca quantidade de dados, pela grande interferência de padrões fonológicos que estavam em concorrência, típicos das situações de contato entre línguas, e pela falta de orientação normativa que geralmente acompanha todo o processo de desenvolvimento da proficiência em uma língua em situações consideradas normais ou em contextos escolares.

No que diz respeito aos estudos do /S/ associado à transmissão linguística irregular, o trabalho de Santos (2012) é um trabalho pioneiro.

2.3 “A REALIZAÇÃO DO /S/ IMPLOSIVO NO PORTUGUÊS POPULAR DE SALVADOR”

Nesse estudo Lucchesi (2009) faz uma análise do /S/ em coda silábica na fala de moradores de Salvador com escolarização primária e secundária, ou seja, falantes que tenham cursando de um a quatro anos de estudo e falantes que cursaram o ensino médio, o que o autor denominou de português semiculto. Os dados dessa pesquisa foram constituídos de 10.800 ocorrências, sendo que, em cada entrevista, foram recolhidas, aproximadamente, 300 ocorrências da variável em foco. Esses dados foram levantados a partir de 36 entrevistas semi-informais, realizadas entre 1998 e 2000, com falantes estratificados em três faixas etárias: 25 e 35 anos (faixa 1); 45 e 55 anos (faixa 2); mais de 65 anos (faixa 3), nascidos e residentes em Salvador, dos sexos masculino e feminino.

Os resultados mostram que a realização alveolar atingiu um percentual de 36%; a realização palatal atingiu um percentual 34%; a realização laríngea atingiu um percentual de 14% e o zero fonético com valor morfológico atingiu um percentual 15% e sem valor morfológico atingiu apenas 4%. Esse equilíbrio entre as variantes alveolar e palatal confirma a caracterização diatópica da fala de Salvador proposta por Callou e Moraes (1996) e parece indicar um uso ainda restrito da variante laríngea e do apagamento na norma popular urbana de Salvador.

Os grupos de fatores linguísticos selecionados como relevantes para realização alveolar foram: posição do segmento no vocábulo; tonicidade da sílaba em que figura o segmento; características da vogal precedente; características da consoante que inicia a sílaba seguinte, tanto em posição medial quanto em fronteira de palavra; realização do <S> na sílaba imediatamente anterior; realização do <S> na sílaba imediatamente posterior.

Para a realização palatal os fatores considerados como relevantes foram: posição do segmento no vocábulo; tonicidade da sílaba em que figura o segmento; características da vogal precedente; características da consoante que inicia a sílaba seguinte, tanto em posição medial quanto em fronteira de palavra; realização do <S> na sílaba imediatamente anterior; realização do <S> na sílaba imediatamente posterior.

Os fatores linguísticos que foram considerados para a realização laríngea foram: posição do segmento no vocábulo; tonicidade da sílaba em que figura o segmento; características da vogal precedente; características da consoante que inicia a sílaba seguinte tanto em posição medial quanto em fronteira de palavra.

Os fatores que são importantes para o apagamento são: o valor morfológico de <S> e a posição em que <S> se encontra. Os resultados mostram que o apagamento é irrelevante na posição medial. Para Lucchesi (2009), “os resultados desta análise atestam claramente que o apagamento do <S> não é um fenômeno de natureza fonológica, mas um fenômeno da morfossintaxe”.

Os resultados referentes ao encaixamento social mostram que a variável faixa etária tanto para a variante alveolar quanto para a variante palatal apontaram a mesma tendência a uma recuperação da realização alveolar. Os mais velhos apresentaram os maiores índices de palatalização, enquanto a frequência da realização alveolar aumenta à medida que se passa para as faixas dos falantes mais jovens. No que diz respeito à variável sexo, os resultados mostram que as mulheres lideram o processo de restauração da pronúncia alveolar, enquanto a realização palatal é predominante na fala dos homens.

2.4 “COMPORTAMENTO VARIÁVEL DA FRICATIVA CORONAL PÓS-VOCÁLICA”

Em seu estudo, Hora e Pedrosa (2009), objetivaram estabelecer um quadro variável das fricativas coronárias no português do Brasil e a partir disso propor um quadro comparativo, levando em consideração o fator histórico e dialetal. Para isso, os autores revisaram o trabalho de Callou, Leite, Moraes (2002) que foi realizado nas cidades de Porto Alegre-RS, Recife-PE e Salvador-BA, o trabalho Brescancini (2002), que foi realizado em Florianópolis-SC, e o trabalho de Hora (2003) e o de Ribeiro (2006), que foram realizados em João Pessoa-PB. Com base nos resultados dessas pesquisas, estabeleceu-se o perfil da fricativa coronal pós-vocálica no português brasileiro.

Depois de estabelecer as comparações, Hora e Pedrosa (2009) chegam as seguintes conclusões: o dialeto culto de Porto Alegre é semelhante ao de São Paulo, pois prevalece a realização alveolar; os resultados relativos ao Rio de Janeiro e a Recife mostram que há uma preferência pela realização palato-alveolar; os resultados de Salvador mostram uma relação inversamente proporcional na frequência de uso das variantes palatal e alveolar, se comparadas as posições medial e final; e os dados de Florianópolis refletem a preferência pela variante palato-alveolar. Os dados de João Pessoa denotam preponderância da variante alveolar, com preferência pela palato-alveolar apenas diante de oclusivas dentais. Os resultados apresentados pelo estudo levam-nos a constatar que o comportamento da fricativa coronal pós-vocálica no português brasileiro é bastante variável.

2.5 “A PRODUÇÃO PALATO-ALVEOLAR DE /S/ NAS VOZES DO AMAPÁ”

Na dissertação de mestrado *A produção palato-alveolar de /S/ nas vozes do Amapá*, Monteiro (2009) buscou explicar o fenômeno de palatalização de /S/ em posição de coda na fala dos Amapaenses. O *corpus* dessa pesquisa foi composto por 16 entrevistas, distribuídas igualmente entre faixa etária (faixa I – 15 a 26 anos; faixa II – acima de 49 anos) e sexo (masculino e feminino). Nesse trabalho, foram analisadas 2.443 ocorrências de <s>, das quais 1.755 (71,8%) foram palatais, 473 (19,4%) da alveolares, 123 (5%) da aspiradas e 92 (3,8%) foram de apagamento. Monteiro (2009) optou por excluir as realizações minoritárias (aspiração e apagamento). Devido a essa exclusão, a distribuição dos dados passou a totalizar 2.228 ocorrências, distribuídas da seguinte forma: alveolares: 473, correspondendo a 21,2% do total de ocorrências; palatais: 1.755, correspondendo a 78,8% do total de ocorrências.

A autora conclui que a realização palatal é praticamente categórica na comunidade linguística macapaense, e que são os falantes mais jovens (15 a 26) que mais favorecem a realização palatal, com peso relativo de 0,61. No que diz respeito às variáveis linguísticas, Monteiro (2009) observa que a palatalização é mais favorecida em interior de vocábulo, com peso relativo de 0,76. No contexto fonológico seguinte, são consoantes dorsais (0,71), coronais (0,60), pausa (0,60) e as consoantes labiais (0,54) que favorecem a palatalização. Quanto as vogais, são as vogais labiais, com peso de 0,63, e a vogal dorsal, com peso de 0,52, que antecedem a variável que mais favorecem a palatalização de <S>.

2.6 “ARRENTE TARRA MERMO: A ASPIRAÇÃO DE FRICATIVA NA FALA DE SALVADOR”

Em *Arrente tarra mermo: a aspiração de fricativa na fala de Salvador*, Pelicioli (2008), fez uma análise da aspiração das consoantes fricativas /s/, /z/, /ʒ/ e /v/ na fala de moradores da cidade de Salvador-Ba. O fenômeno da aspiração foi observado pelo autor nos seguintes contextos: a) quando /s/ estivesse em posição de coda; b) quando as variantes /v/, /z/ e /ʒ/ estivessem em posição de ataque. Para a proposta deste trabalho, são essas realizações em posição de coda que nos interessa. O autor levantou, para essa pesquisa, 4.722 dados sendo 4.551 em coda silábica e 171 em posição de ataque. O *corpus* dessa pesquisa foi composto por oito inquiridos, experimentais, do projeto ALIB, de informantes nascidos na cidade de Salvador, distribuídos igualmente entre faixa etária (faixa I – 20 a 30 anos; faixa II – 46 a 61; faixa III), sexo (masculino e feminino) e nível de escolaridade (fundamental e universitário).

Quanto ao /S/ em coda silábica, o autor conclui que quando /S/ está diante de contexto fonológico sonoro há uma tendência de que essa consoante seja aspirada. Além desse fator, o autor observa que as classes gramaticais dos advérbios e dos determinantes são relevantes para a aspiração. No que diz respeito aos fatores extralinguísticos, a aspiração ocorreu mais entre os homens (54%) mais jovens (56%) do nível fundamental (56%).

Em posição de ataque, o autor observa que as formas que mais favorecem a aspiração são para /ʒ/ o pronome *a gente*; para /v/, o sufixo do imperfeito –ava; para o /z/, não há um contexto que ocorra em maior quantidade. Pode-se dizer que a sílabas átonas de vocábulos dissílabos paroxítonos é responsável pela aspiração. No que diz respeito aos fatores extralinguísticos, o autor observa que em posição de ataque há uma inversão em comparação com os resultados obtidos com /S/ em coda, pois os informantes da faixa etária 2 (77%), do nível universitário (59%) e do sexo masculino (55%), são os que mais fazem essa realização.

3 A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS POPULAR DO BRASIL

Segundo Santos (2012), a discussão sobre a formação e a difusão do português falado no Brasil, especialmente pelas camadas populares, é um debate que decorre do problema relativo à caracterização da variante brasileira em relação à variante portuguesa. A tentativa de compreender as motivações, tanto linguísticas quanto sociais, que se difere português do Brasil do português de Portugal conduz os estudiosos a propor um cenário de menor ou de maior distância entre as duas variantes. Por meio dessas discussões a questão que emerge inevitavelmente diz respeito às consequências do contato da língua portuguesa com línguas indígenas e africanas no período de colonização do Brasil.

Este capítulo objetiva fazer um breve histórico da formação do português popular e as hipóteses que foram criadas em torno dessa formação.

3.1 UM POUCO DE HISTÓRIA: A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS POPULAR

Segundo Mattos e Silva (2004), no Brasil existiam mais de mil línguas indígenas, de vários troncos e famílias linguísticas, no início da colonização portuguesa. Cálculos de Aryon Rodrigues (1993 apud MATTOS E SILVA, 2004) indicam que, no período de colonização, existiam cerca de 1.175 línguas, das quais 85% desapareceram no período colonial, ou por seus falantes terem se integrado na sociedade nacional, ou porque foram dizimados intencionalmente ou por epidemias. Vale ressaltar que os “índios integrados” decresceram de 50% no século XVI para 2%, na metade do século XIX. Segundo Mattos e Silva (2004, p. 93), “pode-se afirmar com certa margem de segurança, que até meados do século XVIII, o multilinguismo caracterizou o território brasileiro”.

No processo colonizador e evangelizador do Brasil, nos séculos XVI e XVII, utilizou-se das línguas indígenas como instrumento fundamental de dominação. Os jesuítas que aqui chegaram se dedicavam a aprender a língua dos nativos, para mais tarde terem condições de convertê-los à fé cristã. Assim, constituiu-se um “tupi jesuítico”, a língua geral da costa, de base tupi. Segundo Ilari (2009), apesar de existir uma variedade de línguas indígenas, a criação de “línguas gerais” era facilitada, no Brasil, pelo fato de as línguas nativas da costa pertencerem em sua maioria ao tronco tupi. Essa “língua geral” chegou a ser uma ameaça a

hegemonia do português, juntamente com outras línguas indígenas que serviram como meio de comunicação entre, brancos, negros e índios, não apenas no litoral, mas também nas estradas paulistas; no nordeste a língua geral teria sido a cariri e na Amazônia de base tupinambá, cuja modificação resultou no nheengatu.

A administração portuguesa endossou a política das línguas gerais por mais de dois séculos; no entanto, em 1757, um decreto do Marquês de Pombal proibiu seu uso em contexto escolar e impôs o português como língua do ensino na colônia. Segundo Ilari (2009, p. 64), “esse decreto não visava propriamente os indígenas, e sim os jesuítas: foi uma das tantas medidas políticas de que o ministro de D. José I lançou mão para solapar o poder dos jesuítas no Brasil.”

Em 1549, como o primeiro governador geral do Brasil, institucionaliza-se o tráfico de escravo, esse tráfico permaneceu até o século XIX. Os africanos escravizados vinham de diversas áreas africanas. Não se sabe ao certo qual número de escravos trazidos ao Brasil no período da colonização, no entanto Mattos e Silva (2004) salienta que as avaliações feitas sobre o quantitativo dessa população variam muito, vão de quatro e 14 milhões. Sobre a quantidade de línguas africanas chegadas ao Brasil, estimam-se cerca de 200/300 línguas. Se anteriormente já existia um quadro de multilinguismo, com a institucionalização do tráfico de escravo o Brasil o aumenta mais ainda esse quadro.

Segundo Mattos e Silva (2004), essas línguas se dividiam em duas grandes áreas da África: a) Área oeste-africana, que se caracterizou pelo maior número de línguas, topologicamente diversificada, a saber: oeste-atlântico, mande, kwa e banuê-congo; b) Área Banto que limitou-se à costa oeste da África e mais tarde à costa leste (MATTOS E SILVA, 2004). A maior parte dos escravos trazidos ao Brasil foram de origem banto. No século XVI, por exemplo, 35% por cento dos escravos eram de origem banto; no século XVII, eram 65%; no século XVIII, eram 64%, e no século XIX 50%. Ainda segundo a autora, esses africanos escravizados, ao chegar ao Brasil, tiveram que adquirir a língua dominante, no caso o português, de forma precária, sem normatização escolar. O português era ensinado de forma precária pelos senhores, para eles bastava apenas que os escravos compreendessem as ordens que estavam sendo dadas para executarem as tarefas. Essa situação de aquisição precária da língua acaba refletindo no português falado no presente.

Segundo Mattos e Silva (2004, p.84):

para comunicar-se chegando ao Brasil, teriam de adotar dentre os recursos linguísticos disponíveis, ou a línguas indígenas, ou a línguas gerais indígenas ou o português do colonizador. O desenvolvimento histórico do Brasil indica que foi essa última opção selecionada – reestruturando profundamente o português do colonizador no processo de aquisição – sobretudo por ser essa língua uma constante por toda colônia e, também, por uma parcela dos africanos aqui chegados já dominarem alguma forma de português adquirido na rota africana do tráfico.

Para Mattos e Silva (2004), existe certo consenso entre os autores que pesquisaram sobre história linguística do Brasil e sobre a formação do português brasileiro (por exemplo, Houaiss, 1985; Mussa, 1991; Naro e Scherre, 1993) no sentido de não ter existido ou não ter se estabelecido uma língua africana na história linguística brasileira; segundo ela, isso se deve no mínimo a dois fatores: a) o tráfico de escravo que separava desde a África os coétnicos e conseqüentemente os colíngues, para impedir qualquer reação contra o sistema escravista; b) não existiu no Brasil constituição plena de famílias de escravos que pudesse formar núcleos linguísticos. Segundo Mattoso (1990. p. 22 apud Mattos e Silva, 2004), “A metrópole portuguesa adotou sempre a política de misturar as diferentes etnias africanas, para impedir a concentração de negros de uma mesma origem numa só capitania.”

Pode-se afirmar que os africanos e os afrodescendentes foram os grandes difusores do português no território brasileiro, pois durante o período de colonização sempre foram maioria e por terem se espalhado por diversas partes do território brasileiro. Mattos e Silva (2004), afirma que tendo os africanos e afrodescendentes sido sempre maioria no período colonial e pós-colonial até meados do século XIX, percebe-se que são eles, “a multidão em voz” que difundiram o que tenho designado de português geral brasileiro.

3.2 HIPÓTESES SOBRE A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Conforme evidenciado nas páginas antecederas deste trabalho, o português brasileiro, no período de colonização, foi marcado por um massivo contato entre línguas, uma vez que, houve um amplo contato entre o português (língua alvo) e as línguas africanas trazidas pelos escravos que aqui habitaram. Nos últimos anos, alguns autores têm se dedicado a analisar as origens do português do Brasil na perspectiva da pesquisa linguística e algumas hipóteses foram formuladas. A seguir serão destacadas três dessas hipóteses.

- A hipótese formulada por Guy (2005) é de que o português popular do Brasil teria sido um crioulo, que teria ocorrido um processo de descrioulização, ou seja, através do tempo de contato com um número razoavelmente alto de falantes do português, o dialeto popular teria ganhado características da língua alvo (GUY, 2005). Segundo Guy (2005), as marcas na morfologia como: a perda de pronomes átonos; na sintaxe como, a falta de concordância; na fonologia, com a redução de coda, são marcas de um processo de criouliização.
- Lucchesi (2003) propõe que o português popular brasileiro é marcado pela transmissão linguística irregular do tipo leve. O conceito de transmissão linguística irregular é tomado para designar processos históricos de contato massivo e prolongados entre as línguas, nos quais a língua do segmento, no caso o português, é tomada como modelo ou referência para os demais segmentos (LUCCHESI, 2003). Portanto, a transmissão linguística irregular consistiria num processo em que os falantes africanos de português como segunda língua é que teriam fornecido os dados linguísticos primários do português como primeira língua para os seus descendentes – o resultado seria então, a depender de vários fatores, uma variedade da língua portuguesa mais próxima ou mais distante da norma culta.
- Naro e Scherre (2003) discordam da suposição de que o português brasileiro tenha influência de línguas africanas. Para os autores, no Brasil, não existem características estruturais novas induzidas pelo contato entre línguas ou por nativização do português entre o segmento de falantes de outras línguas e seus descendentes. Segundo Naro e Scherre (2003), as estruturas que são alegadas como brasileiras têm uma existência confirmada em dialetos rurais ou não padrão de Portugal.

Para Lucchesi (2015), na formação das variedades populares do português brasileiro predominaram as situações de transmissão linguística irregular do tipo leve, e não a situação de criouliização como acredita Guy (2005). Segundo Lucchesi (2015), não teria ocorrido um crioulo no Brasil por três motivos: a) “o primeiro grande fator a inibir a criouliização generalizada do português do Brasil foi a proporção de falantes da língua dominante.” (LUCCHESI, 2015, p. 103). Ou seja, a proporção da população branca nunca foi inferior a 30% e quando, nesses contextos, “a proporção de falantes da língua alvo é maior que dez por cento, o acesso dos falantes do substrato aos modelos gramaticais da língua dominante

aumenta, inibindo potenciais processos de pidginização e criouliização” (LUCCHESI, 2015, p. 102); b) “o segundo grande fator que inibiu a criouliização no Brasil foi a possibilidade de inserção do escravo na sociedade branca, particularmente dos escravos nascidos no Brasil, chamados de *crioulos*.” (LUCCHESI, 2015, p. 103); esses “crioulos”, segundo Lucchesi (2015), se integram mais intensidade na sociedade branca o que permitiu que estes tivessem mais acesso aos dados linguísticos da língua dominante; c) “o terceiro e último fator para que não tenha ocorrido um processo representativo de criouliização do português do Brasil foi a *miscigenação racial*.” (LUCCHESI, 2015, p. 105). Para Lucchesi (2015), a miscigenação entre os colonizadores europeus e as mulheres índias e negras foi geral e constituiu um dos vetores da composição étnica da sociedade brasileira.

Quanto a hipótese de Naro e Scherre (2003), Lucchesi (2015, p. 111) salienta que

a constatação que estão em curso processos de mudança que recompõem morfologia flexional do nome e do verbo nas variedades populares do português coloca a seguinte questão: quando e como essa morfologia se perdeu? Acreditamos que a interpretação aqui proposta, com base no conceito ampliado de transmissão linguística irregular, se ajusta bem ao quadro observado na atualidade, produzindo uma explicação adequada para o processo histórico que plasmou o quadro de variação que se observa atualmente. Nesse sentido, as evidências empíricas e sua interpretação servem para refutar a hipótese defendida por Naro e Scherre (2007) de que a variação no emprego das regras de concordância nominal e verbal que se observa hoje no português popular brasileiro seria o resultado de uma deriva secular de origem românica.

Neste trabalho será adotada a hipótese Lucchesi (2003 e 2015). Portanto, é assumida aqui a hipótese de que as variedades do português do Brasil têm seus traços mais marcantes devido a um processo de transmissão linguística irregular.

Segundo Lucchesi (2003), o português brasileiro possui marcas que resultam de uma transmissão geracional do tipo leve. Nesse caso, a transmissão irregular se daria da seguinte forma: falantes africanos que adquiriram o português como segunda língua ao passar esses dados linguísticos para as novas gerações passariam com algumas marcas de sua língua de origem. Quando uma grande população de adultos é forçada adquirir uma segunda língua emergencialmente, a variedade dessa língua alvo pode sofrer redução em estrutura gramatical. Essa variedade se deve ao difícil acesso dos falantes de outras línguas, sobretudo nas situações em que os falantes da língua estão em número inferior. As comunidades rurais quilombolas seriam as comunidades de fala em que, com mais força, alterações típicas do contato entre línguas poderiam ser notadas. No caso do PB, é no português afro-brasileiro que

as taxas de alterações em estruturas sensíveis ao contato linguístico seriam notadas com maior intensidade (LUCCHESI, 2003).

Os estudos que vêm sendo desenvolvidos sobre transmissão linguística irregular, estão voltados para área da morfossintaxe; no entanto, Santos (2012) afirma que em dados de variação fonética é possível observar marcas que também podem ser associadas a uma transmissão linguística irregular. Santos (2012) desenvolveu um trabalho pioneiro, nesse sentido, na comunidade quilombola de Helvécia-Ba, estudando o <S> em coda silábica e buscou incluir os resultados da análise aos debates sobre a constituição histórica do português do Brasil, como já foi citado anteriormente. O autor observa que as taxas de enfraquecimento (aspiração e apagamento) de <S>, sobretudo a de apagamento (18%) são expressiva na comunidade, especialmente se considerarmos a faixa etária mais velha da comunidade, diferente do que outros estudos têm mostrado. Para Guy (2005), existem tendências bem visíveis de redução da coda silábica no português brasileiro. Consoantes em final absoluto de vocábulo, <S> e <R>, por exemplo, são apagadas frequentemente.

Para Santos (2012, p. 259),

a análise empreendida mostrou ainda que, pelo menos em relação ao apagamento de <s>, é possível associar, em alguma medida, o quadro visto em Helvécia ao esquema analítico da transmissão linguística irregular, na medida em que, no campo da aquisição de <s>, é possível imaginar que, em Helvécia, a estabilização dos modelos de realização das fricativas em coda silábica (resultante das abstrações da fala adulta disponível naquele momento histórico) tanto pelos escravos africanos quanto por seus descendentes, seria comprometida pela pouca quantidade de dados, pela grande interferência de padrões fonológicos que estavam em concorrência, típicos das situações de contato entre línguas, e pela falta de orientação normativa que geralmente acompanha todo o processo de desenvolvimento da proficiência em uma língua em situações consideradas normais ou em contextos escolares.

São as contradições na compreensão das características particulares do português do Brasil frente à variedade europeia e o reconhecimento do papel do contato entre línguas no período da colonização que têm levantado esse debate.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os dados que serviram de base para esta pesquisa foram coletados na comunidade quilombola de Alto Alegre, pertencente ao município de Presidente Tancredo Neves (a 263 km de Salvador), mediante o desenvolvimento do projeto de pesquisa *A coda silábica no português da comunidade quilombola de Alto Alegre-Ba: análise sociolinguística*. Para a escolha dos informantes na comunidade levou-se em conta os pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista. Portanto, os falantes que forneceram as entrevistas foram estratificados quanto ao sexo (feminino/masculino) e idade (faixa 1: 20 a 40 anos; faixa 2: 41 a 60 anos; na faixa 3: acima de 60 anos).

4.1 O PROJETO

O projeto de pesquisa *A coda silábica no português da comunidade quilombola de Alto Alegre-Ba: análise sociolinguística* foi desenvolvido mediante apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), vinculado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, coordenado pelo Professor Dr. Gredson dos Santos. O objetivo do projeto foi investigar se a intensidade da variação das consoantes /S/, /L/, /R/ pós-vocálicas no português da comunidade pode ser associada à ao processos de contato entre línguas no português brasileiro (PB). O projeto era composto por mim, pelo orientador e por mais dois membros e foi desenvolvido no período de agosto de 2013 a julho de 2014. No período de desenvolvimento do projeto fiquei responsável em desenvolver o subprojeto intitulado *Processos de enfraquecimento da variável <S> em coda silábica no português quilombola de Alto Alegre*. A proposta do trabalho era estudar as 50 primeiras ocorrências de <S> nas 12 entrevistas coletadas pelo grupo, que somou um total de 600 ocorrências. Essas entrevistas foram coletadas por mim e por mais dois colegas. Do total das 12 entrevistas constituídas pelo Projeto, a autora desta monografia realizou a coleta de 7 entrevistas. Essas entrevistas foram realizadas com 6 homens e 6 mulheres, distribuídos em três faixas etárias (faixa 1: 20 a 40 anos; faixa 2: 41 a 60 anos; na faixa 3: acima de 60 anos). A proposta do projeto era estudar as primeiras 600 ocorrências de <S>. Ao final do Projeto, algumas questões relativas à extensão da amostra que não foram abordadas e o interesse em comparar os resultados com o de Santos (2012) de modo mais coerente, constituíram o motivador para esta monografia, que

ampliou em 100% a extensão do *corpus*. Sendo assim, aqui, serão apresentados os resultados de 1200 ocorrências de <S>. Com esse novo conjunto de dados, todo o tratamento estatístico foi feito.

Para a constituição das 1200 ocorrências, foram levantadas, novamente, as 100 primeiras ocorrências da variável <S>, em coda silábica, nas 12 entrevistas; depois das ocorrências serem levantadas, iniciou-se o processo de codificação dos dados de acordo com grupo de fatores; após esse processo de codificação, as rodadas foram feitas no programa GOLDVARB X e por fim foram refeitas as tabelas e as análises. A ampliação do *corpus* mostrou resultados mais consistentes sobre a realização da variável <S>, em coda silábica, na comunidade de Alto Alegre-Ba.

4.2 A COMUNIDADE

A comunidade de Alto Alegre, situada em terras bem altas e de difícil acesso, fica localizada na zona rural da cidade Presidente Tancredo Neves, no Baixo Sul da Bahia. Em 2008, Alto Alegre, que faz parte de um conjunto de oito comunidades quilombolas situada nas áreas rurais de Presidente Tancredo Neves e de outros municípios vizinhos, foi certificada pela Fundação Cultural Palmares como sendo uma comunidade remanescente de quilombo. Segundo o Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável do Território Baixo Sul da Bahia, a comunidade tem cerca de 102 famílias que somam no total uma população de 378 habitantes. A comunidade, atualmente, vive da produção do cravo e de outros excedentes da produção agrícola que são comercializados no município.

As informações sobre a comunidade são escassas. No desenvolvimento do projeto de pesquisa estivemos em alguns órgãos públicos, em busca de informações, na cidade de Presidente Tancredo Neves-Ba, mas fomos informados que não existia nenhum documentado sobre a história da comunidade de Alto Alegre; entramos em contato também com a Fundação Cultural Palmares de Salvador, mas fomos informados que todos os documentos recolhidos ficam arquivados em Brasília. As informações, que foram citadas acima, podem ser encontradas nos sites da Fundação Cultural Palmares, do IBGE e Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável do Território Baixo Sul da Bahia. Mas, ao que se refere à parte histórica da comunidade, as únicas informações que temos são as que os moradores da comunidade relataram nas entrevistas. Segundo relatos dos entrevistados, os primeiros

moradores da comunidade chegaram no início do século XX, via Estrada Velha, como empregados de um fazendeiro italiano chamado Carlos Monza, conforme mostra os dois fragmentos da entrevista do informante 1 (INF1) e do informante 5 (INF5) a seguir:

INF1: “Quando meu pai chegou pa aqui não tinha um pé de jaca pra fazer merenda dez hora [...] era tudo mata. Isso aqui, o trecho que o senhor tá avistando, tudo aqui era tudo mato [...]. E aí ele chegou e aí começou fazendo a roça, que ele já vei de lá do fojo pra cá, foi Carlo Monza que comprou aqui. [...] aí Carlo Monza comprou aqui aí chegou e colocou ele pra tomar conta.”

INF5: “Eu acredito que meu avô foi da Itália. [...] Acredito que ele foi uma pessoa que ele foi fugido de algum lugar porque ele chegou com um Italiano aqui, era o patrão dele. [...] Com um italiano. Não sei se vocês vê falar, Carlo Monza. [...] Então, isso aqui eu acho que era um deserto só mato mesmo”

4.3 O CORPUS

O *corpus* em estudo foi constituído de 12 entrevistas. Os falantes que forneceram as entrevistas foram estratificados quanto ao sexo (feminino/masculino) e idade (faixa 1: 20 a 40 anos; faixa 2: 41 a 60 anos; na faixa 3: acima de 60 anos), como já foi citado anteriormente. É importante destacar também que todos os falantes que concederam as entrevistas não possuem escolaridade. Foram selecionadas as 100 primeiras ocorrências da variável <S> em cada uma das 12 entrevistas somando o total de 1200 ocorrências, considerando algumas condições: a) foram excluídos os casos em que <S> tem valor de plural; b) foram excluídos os casos de <S> em fim de vocábulo seguido de vogal uma vez que nesse contexto geralmente acontece uma ressilabação, que é um fenômeno em que uma consoante deixa de ocupar a posição de coda e passa a ocupar a posição de ataque silábico; c) foram excluídas as ocorrências de <S> quando este se encontra antes de [s, z, ʃ, ʒ, h, fi]; d) foram excluídos os trechos que ficaram pouco claros na entrevista.

Após os gravadas as entrevistas começou-se a fazer os levantamentos das ocorrências. As ocorrências foram anotadas de ouvido e, para evitar equívocos, as mesmas foram registradas e transcritas em duas etapas: na primeira transcrição, levantaram-se as 100 primeiras ocorrências de <S> em cada entrevista; após essa primeira transcrição, foi feito um

novo registro e, quando houve divergência entre os dois registros, os dados foram novamente checados.

4.4 O TRATAMENTO QUANTITATIVO E AS VARIÁVEIS

As ocorrências de <S>, neste trabalho, foram estudadas com o auxílio de uma ferramenta para a análise sociolinguística, o GOLDVARB X, que “é conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente, para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY e ZILLES, 2007). A análise é chamada multivariada, pois permite investigar situações em que a variável linguística é influenciada por vários fatores, sejam eles linguísticos ou extralinguísticos. Segundo Guy e Zilles (2007), o programa mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente.

Para que os dados fossem submetidos à análise do GOLDVARB X, os dados foram separados em três arquivos: 1) <S> em interior de vocábulo (como acontece em palavras como *mesmo*, *pasta*, *gosto*); 2) <S> em posição final de vocábulo seguido de pausa, contexto chamado aqui de final absoluto (tais como em *Graças a Deus*, *Não vou mais*) e 3) <S> em posição final de vocábulo seguido de consoante que inicia a palavra posterior (*Não vou mais com você. O mais velho*).

A variável dependente estudada neste trabalho, indicada por <S>, inclui as seguintes realizações: 1) alveolar ([s, z]), como por exemplo, acontece na palavra *iszcola*; 2) palatal ([ʃ, ʒ]), como acontece na palavra *feʃta*; 3) aspirada ([h, ð]), como por exemplo, acontece na palavra *mehmo*; 4) apagamento (∅), como acontece na palavra, Tancredo Neveg.

Este trabalho, como já foi citado, é resultado de uma ampliação de estudo feito mediante ao projeto de Iniciação Científica. Os grupos de fatores que foram utilizados neste trabalho foram testados anteriormente no trabalho que foi desenvolvido na iniciação científica. As variáveis independentes foram elaboradas a partir das hipóteses acerca de que fatores poderiam influenciar na realização das variáveis, tomando por base o trabalho de Santos (2012). Os grupos de fatores foram testados e ao passar para este trabalho foram definidos os seguintes grupos: tonicidade da sílaba, extensão do vocábulo, característica da vogal precedente, característica da consoante seguinte, sonoridade da consoante seguinte, classe morfológica, faixa etária e sexo dos informantes.

Os resultados que serão apresentados no próximo capítulo dizem respeito aos seguintes grupos de fatores das variáveis linguísticas independentes: 1) **tonicidade da sílaba** em que ocorre a variável: sílaba tônica e sílaba átona; 2) a **extensão do vocábulo**: monossílabo, dissílabo e polissílabo; 3) **Características da vogal** precedente: anterior alta /i/, anterior média-fechada /e/, anterior média-aberta /ɛ/, central baixa /a/, posterior alta /u/, posterior média fechada /o/, posterior média aberta /ɔ/, semivogal posterior /w/ e semivogal anterior /y/; 4) **características da consoante** seguinte: oclusivas labiais (/p/, /b/), oclusivas alveolares (/t/, /d/), oclusivas velares (/k/, /g/), fricativas labiais (/f/, /v/), africadas (/tʃ dʒ/), nasal labial (/m/), nasal alveolar (/n/), laterais (/l/, /ʎ/); 5) **sonoridade da consoante** seguinte: vozeada e desvozeada; 6) **classe morfológica** do vocábulo: nominais (substantivos e adjetivos), advérbios, determinante, pronome e conectivos. As variáveis extralinguísticas foram: 1) **faixa etária dos informantes**: faixa 1, faixa 2 e faixa 3 (/1/, /2/, /3/); 2) **sexo dos informantes**: masculino e feminino.

5 ANÁLISE DA VARIÁVEL <S> EM CODA SILÁBICA NO PORTUGUÊS QUILOMBOLA DA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE

Neste capítulo, serão apresentados os resultados da análise de <S> por meio da utilização do GOLDVARB X. O principal objetivo é verificar como as ocorrências da variável estão encaixadas no sistema fonético-fonológico e no contexto social do português falado em Alto Alegre-Ba.

5.1 AS VARIANTES NO *CORPUS*

Depois do processo de codificação dos dados no GOLDVARB X as variantes ficaram distribuídas da seguinte forma:

TABELA 1

Distribuição das variantes <S> no corpus

Variantes	Nº/Total	%
s/z	352	29,3
ʃ/ʒ	341	28,4
h/fi	300 (295)	24,5
Ø	207	17,5
Total	1200	100

Os números apresentados na tabela acima indicam os índices totais de ocorrência da variável dependente. Os dados permitem dizer que a norma na comunidade é a alveolar, embora a diferença entre a norma alveolar e a palatal seja visivelmente pequena. No entanto, as ocorrências da variante palatal se devem às realizações em interior de vocábulo, conforme será detalhado na próxima tabela.

A realização aspirada é a terceira variante que mais ocorre no *corpus* estudado, com 24,5% das ocorrências. O apagamento ficou com 17,5% das ocorrências. Esse resultado é semelhante ao resultado encontrado por Santos (2012). O autor estudou as ocorrências de <S> na comunidade quilombola de Helvécia-Ba, como já foi detalhado anteriormente, e observou que o percentual de apagamento (18%) na comunidade é bastante elevado se comparado a outros estudos que foram desenvolvidos no Português Brasileiro, como salienta o autor:

Levando em conta apenas o apagamento, uma comparação com outros trabalhos dá a dimensão do que representa esse fenômeno na comunidade de Helvécia. Eis o que outros pesquisadores encontraram: Scherre e Macedo (1991) constataram 8% de apagamento numa amostra do Projeto Censo; Brandão (1995), observando a fala de pescadores do Rio de Janeiro, achou um total de 4%; Carvalho (2000), examinando dados de Belém do Pará, encontrou 5%; Mota (2002) observou que, para as amostras de 70 e 90 do NURC, o apagamento de <s> atinge, respectivamente, 2% e 5% (SANTOS, 2012, p. 149).

É necessário destacar que o apagamento e a aspiração (variantes não-padrão), neste trabalho, apresentaram taxas bastante expressivas, juntas as duas variantes somaram 42% do total de ocorrências. Este resultado se assemelha ao que foi encontrado na comunidade de Helvécia (40,37%), mas se estes resultados (de Alto Alegre e Helvécia) forem comparados a outros estudos desenvolvidos no PB, como o de Monteiro (2009) em que as realizações de aspiração atingiu apenas 5% das ocorrências e apagamento apenas 3,8% e juntas somaram apenas 8,85% do total de ocorrência e o de Lucchesi (2009) em que as realizações de aspiração atingiu 14% e apagamento sem valor morfológico atingiu apenas 4% das ocorrências, percebe-se que comunidades que foram marcadas pelo contato linguístico exibem taxas de enfraquecimento muito maiores.

Comparando os resultados desse trabalho com os resultados encontrados por Santos (2012) e com os trabalhos citados, acima, por ele, é possível dizer que as comunidades com história quilombola exibem taxas de enfraquecimento de <S> muito mais intensas que outras comunidades do Português Popular, o que reforça a hipótese de que esse pode ser um efeito do contato linguístico entre línguas africanas e o português brasileiro que marcou a constituição histórica dessas comunidades.

A tabela a seguir destaca as posições em que ocorrem as variantes no *corpus*

TABELA 2

Posição em que ocorrem as variantes no *corpus*

POSIÇÃO	VARIANTES									
	[s / z]		[ʃ / ʒ]		[h / fi]		Ø		Totais	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Final absoluto de vocábulo	98	42,7	--	--	5	2,1	126	55,2	229	19
Final de vocábulo seguido de consoante	114	37,7	19	6,2	97	32,1	72	23,8	302	25,1
Interior de vocábulo	140	21	322	47,5	198	29,6	9	1,3	669	55,7

A *Tabela 2* mostra alguns dados gerais acerca das ocorrências de <S> em interior de vocábulo, final de vocábulo seguido de consoante e em final absoluto de vocábulo. Conforme evidencia-se na *Tabela 1*, a realização alveolar ficou com 29,3% das ocorrências gerais. Embora a diferença percentual entre a realização alveolar e palatal (28,4%) seja bem próxima, essas ocorrências de palatalização concentram-se mais em interior de vocábulo, com 47,5%, conforme a consta na *Tabela 2*. Esse resultado pode ser atribuído à grande quantidade de vocábulos em que a consoante da sílaba posterior é uma oclusiva alveolar desvozeada (/t/). Como as entrevistas realizadas foram temáticas, algumas perguntas motivaram os informantes a pronunciar muitas vezes os vocábulos *gosto, festa, posto, estrada e estudar*. Algumas das perguntas foram: quais os tipos de festas que acontecem na comunidade? Na comunidade existe posto de saúde? Você gosta de morar aqui? Você gostaria que seus filhos estudassem? Os dados permitem ver que em quase todos os contextos em que aconteceu a palatalização, a consoante precedente era uma oclusiva alveolar. Portanto, é possível dizer que a normal na comunidade é o <S> alveolar, pois esta apresenta uma distribuição equilibrada em todas as posições.

A realização aspirada (variante não-padrão) é a terceira que mais ocorre no *corpus* estudado, com 24,5% das ocorrências. Essas ocorrências concentraram-se, sobretudo, em interior de vocábulo e em final seguido com 21,5% e 32,1%. Como já foi citado

anteriormente o apagamento representou 17,5% das ocorrências; no entanto, essas ocorrências concentraram-se, como descrito acima, em final absoluto com 55,2% das ocorrências.

5.2 A REALIZAÇÃO ALVEOLAR DE <S> EM CODA SILÁBICA

Por ordem de importância, o programa selecionou em interior de vocábulo os seguintes fatores para a realização alveolar de <S>: *Característica da consoante subsequente, faixa etária do informante, tonicidade da sílaba, característica da vogal precedente, extensão do vocábulo* e a *classe morfológica do vocábulo*. Para a realização alveolar em final seguido de consoante o programa selecionou, por ordem de importância, os seguintes fatores: *faixa etária, sonoridade da consoante subsequente e extensão do vocábulo*. Em final absoluto foram considerados, por ordem de importância, os fatores: *faixa etária, extensão do vocábulo, sexo e características da vocal precedente*.

5.1.1 A realização alveolar de <S> em interior de vocábulo

A realização alveolar de <S> em interior de vocábulo correspondeu a 20,9% das ocorrências. O programa GOLDVARB X selecionou, por ordem de importância, os seguintes fatores como os que influenciam a realização alveolar de <S> em interior de vocábulo: *Característica da consoante subsequente, faixa etária do informante, tonicidade da sílaba, característica da vogal precedente, extensão do vocábulo* e a *classe morfológica do vocábulo*.

5.1.1.1 Fatores linguísticos para a realização alveolar de <S> em interior de vocábulo

A tabela a seguir apresenta o resultado para o fator consoante subsequente selecionado pelo programa.

TABELA 3

A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à *consoante subsequente* na comunidade de Alto Alegre

Tipo de consoante	Apl ² . / Total	%	P.R ³
Oclusivas velares	72/80	89,9	0,99
Fricativas labiodentais	6/8	75	0,94
Nasal labial	9/185	4,9	0,78
Africadas	12/44	27,3	0,68
Oclusivas alveolares	11/319	3,4	0,10
Total	109/635	17,2	

Input 0.052; Log likelihood = -123.599 Significance = 0.016

Conforme mostra a *Tabela 3*, as oclusivas velares, com P.R 0,99 (ex.: *escola, lascou, mariscar, riscosa*), as fricativas labiodentais, com P.R de 0,96 (ex.: *desfazendo, desvalorizou, esfriou, desviada*), a nasal bilabial, com P.R de 0,78 (*mesmo, jasmim*) e as africadas, com P.R de 0,68 (ex.: *cestinha, existi, assisti*), favorecem a realização alveolar, as oclusivas alveolares desfavorecem a realização alveolar de <S>. Resultado semelhante foi encontrado por Santos (2012) em que as oclusivas velares, fricativas labiais e a nasal labial apresentam pesos relativos favorecedores à realização alveolar de 0,99, 0,98 e 0,85. Também em Lucchesi (2009) são as consoantes velares, com peso relativo de 0,62, e a consoante nasal labial, com peso relativo de 0,53, que influenciam a realização alveolar.

²Aplicação. Diz respeito ao número de ocorrências da variante tomada como parâmetro para comparação com das demais ocorrências.

³Peso Relativo.

TABELA 4

A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à *tonicidade da sílaba* na comunidade de Alto Alegre

Sonoridades da Consoante	Apl. / Total	%	P.R
Tônica	27/344	7,8	0,83
Átono	113/324	34,9	0,15
Total	140/528	21	

Input 0.052; Log likelihood = -123.599 Significance = 0.016

Os resultados da tabela anterior revelaram que a realização alveolar é favorecida em sílabas tônicas (*mesmo, pascoa, busca, existi*), com peso relativo de 0,79, enquanto as sílabas átonas (*escola, transporte, descanso, escravo*), com peso relativo de 0,19, o programa desconsidera como favorecedor a realização alveolar.

A próxima tabela mostrará a influência da vogal subsequente para a realização alveolar.

TABELA 5

A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à *característica da vogal antecedente* na comunidade de Alto Alegre

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P.R
/ɛ/	16/53	30,2	0,83
/i/	88/192	45,8	0,72
/u/	8/30	26,7	0,71
/a/	7/38	18,4	0,59
/e/	12/211	5,7	0,37
/ɔ/	2/111	1,8	0,13
Total	140/635	20,9	

Input 0.052; Log likelihood = -123.599 Significance = 0.016

No que concerne à característica da vogal antecedente, a tabela anterior mostra que as vogais, *anterior alta*, *anterior média-aberta*, *posterior alta* e a *central baixa* são as que tendem a favorecer a realização alveolar, enquanto a *anterior media-fechada* e a *posterior media-aberta* são desfavorecedoras a realização alveolar de <S>. As palavras em que esses contextos ocorreram foram estes: *escola* (iscola), *r[ɛ]sguardo*, *carrasco*, *m[e]smo*, *h[ɔ]spital*.

TABELA 6

A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à *extensão do vocábulo* na comunidade de Alto Alegre

Extensão do vocábulo	Apl. / Total	%	P.R
Polissílabo	114/298	38,3	0,76
Dissílabo	26/370	7	0,27
Total	140/668	42,8	

Input 0.052; Log likelihood = -123.599 Significance = 0.016

É possível notar na bela *Tabela 6* que são os vocábulos com três ou mais sílabas, como em: *cascalho*, *descarregava*, *esperando*, *desvalorizou*, que favorecem a realização alveolar de <S> em interior de vocábulo, enquanto os vocábulos de até duas sílabas desfavorecem a realização alveolar. Esse resultado é parecido ao encontrado por Santos (2012) em que são os vocábulos com três ou mais sílabas, com peso relativo de 0,60, que favorecem a realização alveolar de <S>.

TABELA 7

A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à *classe morfológica do vocábulo* na comunidade de Alto Alegre

Classe	Apl. / Total	%	P.R
Nominais	79/245	32,2	0,67
Verbos	50/216	23,1	0,64
Advérbio	11/200	5,5	0,17
Total	140/521	21,2	

Input 0.052; Log likelihood = -123.599 Significance = 0.016

A tabela acima mostra que são os nominais, com peso relativo de 0,67, e os verbos, com peso relativo de 0,64, que influenciam a realização alveolar de <S>.

5.1.1.2 Fatores extralinguísticos para a realização alveolar de <S> em interior de vocábulo

Os resultados que serão apresentados a seguir dizem respeito ao fator extralinguístico faixa etária dos informantes para a realização alveolar do <S> em posição medial.

TABELA 8

A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à *faixa etária do informante* na comunidade de Alto Alegre

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
2	55/214	25,7	0,64
1	36/239	15,1	0,53
3	49/215	22,8	0,32
Total	140/668	21	

Input 0.052; Log likelihood = -123.599 Significance = 0.016

No que diz respeito à variável faixa etária, a *Tabela 8* indica que os falantes da faixa etária II, com peso relativo de 0,66, e os falantes da faixa etária I, com peso relativo de 0,53 são os que tendem a favorecer forma alveolar de <S>, enquanto os falantes da faixa etária III apresentam peso relativo de 0,33 desfavorecedor a realização alveolar. Esse resultado evidencia que são os mais novos que estão implementando essa variante, enquanto os informantes mais velhos desfavorecem fortemente essa realização.

5.1.2 A realização alveolar de <S> em final de vocábulo seguido de consoante

A realização alveolar de <S> em final de vocábulo seguido de consoante correspondeu a 37,7% das ocorrências no *corpus*. Nesse contexto, o GOLDVARB X selecionou como

fatores relevantes a realização alveolar de <S> as variáveis: *extensão do vocábulo*, *sonoridade da consoante posterior* e *faixa etária do informante*.

5.1.2.1 *Fatores linguísticos para a realização alveolar de <S> em final de vocábulo seguido de consoante*

TABELA 9

A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *extensão do vocábulo* na comunidade de Alto Alegre

Extensão do vocábulo	Apl. / Total	%	P.R
Monossílabo	101/242	41,7	0,55
Polissílabo	3/9	33,3	0,46
Dissílabo	10/51	19,6	0,26
Total	114/302	37,7	

Input 0.346; Log likelihood = -173.527 Significance = 0.009

A tabela acima mostra que são as palavras monossílabas como em: “*nós colhia cravo*”, “*trabalha mais pelo ganho*”, “*três menino*”, com peso relativo de 0,55, que favorecem a realização alveolar de <S>, enquanto os vocábulos polissílabos e dissílabos desfavorecem essa realização.

TABELA 10

A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *sonoridade da consoante seguinte* na comunidade de Alto Alegre

Sonoridade da consoante	Apl. / Total	%	P.R
Não-sonora	70/148	47,3	0,60
Sonora	44/144	13,5	0,30
Total	114/302	37,7	

Input 0.346; Log likelihood = -173.527 Significance = 0.009

A *Tabela 10* mostra que as consoantes desvozeadas do contexto seguinte, com peso relativo de 0,60, que favorecem a realização alveolar de <S>, enquanto as consoantes vozeadas desfavorecem essa realização. Santos (2012) verificou o mesmo efeito de sonoridade, registrando o índice de 0,77 favorecedor para as consoantes desvozeadas.

5.1.2.2 Fatores extralinguísticos para a realização alveolar de <S> em final de vocábulo seguido de consoante

A tabela a seguir mostra a influência do fator extralinguístico faixa etária para a realização alveolar.

TABELA 11

A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *faixa etária do informante* na comunidade de Alto Alegre

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
1	48/86	55,8	0,69
2	50/115	43,5	0,58
3	16/101	15,8	0,25
Total	114/302	37,7	

Input 0.346; Log likelihood = -173.527 Significance = 0.009

A Tabela mostra que a faixa etária I, com peso relativo de 0,69, e a faixa etária II, com peso relativo de 0,58, favorecem a realização alveolar de <S>, enquanto a faixa etária III, com peso relativo de 0,25, desfavorece essa realização. Esse resultado deixa evidente que os usos das faixas I e II se distanciam fortemente da faixa III, isto é, os falantes mais jovens estão indo em direção ao uso padrão da língua. O resultado de Santos (2012) é parecido com o encontrado aqui, uma vez que, são os falantes da faixa etária mais jovem que favorecem a realização alveolar de <S>.

5.1.3 A realização alveolar de <S> em final absoluto

A realização alveolar de <S> em final absoluto de vocábulo correspondeu a 42,7% das ocorrências nessa posição. O programa GOLDVARB X selecionou como fatores importantes para a realização alveolar <S>, a *extensão do vocábulo*, a *vogal precedente*, a *faixa etária* e o *sexo* dos informantes.

5.1.3.1 Fatores linguísticos para a realização alveolar de <S> em final absoluto de vocábulo

TABELA 12

A variante alveolar em final absoluto de vocábulo quanto à *extensão do vocábulo* na comunidade de Alto Alegre

Extensão do vocábul	Apl. / Total	%	P.R
Monossílabo	72/132	54,5	0,59
Dissílabo	25/95	26,6	0,37
Polissílabo	1/3	33,3	0,26
Total	98/229	42,8	

Input 0.311; Log likelihood = -96.005 Significance = 0.027

Como mostra a tabela acima, as palavras monossílabas (ex.: *Deus, três, dois, fez*) são as que tendem a favorecerem a realização alveolar de <S>, enquanto palavras dissílabas (ex.: *rapaz, atrás, demais, depois*) e as polissílabas (ex.: *dezesseis*) desfavorecem essa realização.

TABELA 13

A variante alveolar em final absoluto de vocábulo quanto à *característica da vogal antecedente* na comunidade de Alto Alegre

Características da vogal precedente	Apl. / total	%	P.R
Central baixa (/a/)	2/7	28,6	0,85
Semivogal posterior alta (/w/)	12/20	60	0,76
Semivogal anterior alta (/y/)	80/161	49,7	0,54
Posterior alta (/u/)	3/17	17,6	0,33
Anterior alta (/i/)	1/24	4,2	0,09
Total	98/229	42,8	

Input 0.311; Log likelihood = -96.005 Significance = 0.027

Conforme mostra a *tabela 13*, é a vogal central baixa (duas), como peso relativo de 0,85, e a semivogal posterior alta (De[w]s), como peso relativo de 0,76 e a anterior alta (fa[y]z, rapa[y]z, pa[y]z), com peso relativo de 0,54, que favorecem a realização alveolar de <S> em final absoluto.

5.1.3.2 Fatores extralinguísticos para a realização alveolar de <S> em final absoluto

TABELA 14

A variante alveolar em final absoluto de vocábulo quanto à *faixa etária* do informante na comunidade de Alto Alegre

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
1	54 / 74	73	0,85
2	38/ 70	54,3	0,74
3	6 / 85	7,1	0,08
Total	98/ 229	42,8	

Input 0.311; Log likelihood = -96.005 Significance = 0.027

Observa-se na *tabela 14* que são os falantes da faixa etária I e II que favorecem a realização alveolar, enquanto os falantes da faixa etária III, com peso relativo de 0,08, desfavorecem fortemente a realização dessa variante. Nota-se que na comunidade de Alto Alegre há um quadro de mudança em progresso, uma vez que, são os mais jovens que lideram a implementação desse variante que é considerada de maior prestígio. Santos (2012) encontrou resultado semelhante a esse, em que são os informantes da faixa etária mais nova, com peso relativo de 0,75, que lideram o uso dessa variante.

TABELA 15

A variante alveolar em final absoluto de vocábulo quanto ao *sexo do informante* na comunidade de Alto Alegre

Sexo	Apl. / Total	%	P.R
Feminino	47/ 101	46,5	0, 64
Masculino	51/128	39,8	0, 38
Total	98 /229	42,8	

Input 0.311; Log likelihood = -96.005 Significance = 0.027

Como é possível notar, na tabela acima, são as mulheres que favorecem a realização alveolar de <S>, com peso relativo de 0,64. Se observarmos a *Tabela14* e a *Tabela 15* notaremos que às mulheres tendem a avançar na direção a um padrão que opõe os homens mais velhos das mulheres mais novas. Resultado semelhante a esse foi documentado por Santos (2012) em que são os mais jovens (P.R. 0,75) e as mulheres (P.R. 0,66) que favorecem a realização alveolar.

5.1.4 Algumas considerações sobre realização alveolar de <S> em coda silábica

Ao logo desta seção viu-se que os falantes da faixa etária mais jovem (I e II), nas três posições, favorecem mais a realização alveolar de <S>, enquanto os falantes mais velhos desfavorecem essa realização, isso mostra que na comunidade existe um quadro de mudança em progresso, uma vez que, os jovens da comunidade estão usando mais a forma padrão da

língua; outro fator extralinguístico selecionado foi o sexo do informante, são as mulheres que mais têm usado essa variante, isso que dizer que são as mulheres que estão liderando o processo de implementação do padrão na comunidade. Esse resultado deve-se ao fato dos jovens saírem mais da comunidade e terem uma rede de amizade maior, sobretudo as mulheres, uma vez que, a estas resta a responsabilidade de ir a reuniões escolares, ao posto médico e frequentemente vão a cidade. Quanto aos fatores linguísticos viu-se que em interior de vocábulo o fator considerado como mais importante foi à característica da consoante subsequente, são as consoantes [k, g], [f, v], [m], [tʃ, dʒ] as que favorecem essa realização, enquanto as consoantes [t, d] desfavorecem essa realização; tanto em final de vocábulo seguido de consoante, quanto em final absoluto, o fator linguístico considerado como mais importante foi a extensão vocábulo, são as palavras monossílabas que mais favorecem essa realização, enquanto as palavras dissílabas e polissílabas desfavorecem essa realização.

5.2 A REALIZAÇÃO PALATAL DE <S> EM CODA SILÁBICA

A variante palatal ficou com 28,4% do total de ocorrências no *corpus*, mas como foi tratado anteriormente, as realizações dessa variante se concentraram massivamente em interior de vocábulo (48,1%) e em percentual menor em final de vocábulo seguido de consoante, com 6,2% das ocorrências; em final absoluto não houve ocorrências de palatalização. Além de essa realização ser fortemente favorecida em posição interna de vocábulo, essas ocorrências também foram favorecidas por contextos em que se encontram diante as consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/. Segundo Mota (1994 apud SANTOS, 2012, p. 195), “em dados da área rural do ‘falar baiano’ (BA-SE) verifica-se a predominância da realização palatal, apenas diante de consoante oclusiva dental não sonora (/t/) – tanto em sílaba interna quanto em final de palavra.”

Resultado semelhante a esse foi encontrado por Santos (2012), que registrou em interior de vocábulo 31%, em final de vocábulo seguido de consoante apenas 2% e em final absoluto também não houve registros de palatalização. O autor também observou que essa variante fica restrita a contextos muito específicos e altamente favorecedores.

Por ordem de importância, em interior de vocábulo, o programa GOLDVARB X, selecionou como fatores importantes para a realização palatal de <S>, a *característica da consoante subsequente*, a *faixa etária do informante*, a *tonicidade da sílaba* e a *classe*

morfológica do vocábulo; e em final de vocábulo seguido de consoante o programa selecionou a *característica consoante subsequente*, a *faixa etária do informante* e a *classe morfológica do vocábulo*.

5.2.1 A realização palatal de <S> em interior de vocábulo

A palatalização em interior de vocábulo teve um percentual de 41,8%, como já foi tratado anteriormente, esse resultado deve-se as muitas ocorrências da oclusiva alveolar no *corpus*. Das 322 ocorrências de palatalização em interior de vocábulo 288 estão diante de consoantes oclusivas alveolares (t/d). O programa GOLDVARB X selecionou, por ordem de importância, os seguintes fatores para realização palatal: *característica da consoante subsequente*, *faixa etária*, *tonicidade da sílaba* e a *classe morfológica do vocábulo*.

5.2.1.1 Fatores linguísticos para a realização palatal de <S> em interior de vocábulo

TABELA 16

A variante palatal em interior de vocábulo quanto à *consoante subsequente* na comunidade de Alto Alegre

Tipo de consoante	Apl. / Total	%	P.R
Oclusivas alveolares	282/313	90,1	0,86
Africadas	37/50	74	0,34
Oclusivas velares	3/79	3,8	0,005
Total	322/446	72,9	

Input 0.632; Log likelihood = -120.909 Significance = 0.008

A *Tabela 16* mostra que são as consoantes oclusivas alveolares, com peso relativo 0,81, que contribuem para a realização palatal de <S>, enquanto as africadas e as oclusivas velares são desfavorecedoras a essa realização. Entre os 282 casos de oclusivas alveolares, apenas para exemplificar, estão 52 ocorrências do vocábulo *gosto*; 14 ocorrências de *gostava*;

18 ocorrências de *gostei*; 3 ocorrências de *gostar*; 1 ocorrência de *gosta* e *gostasse*; 5 ocorrências de *gostaria*; 2 ocorrências de *gostoso* e *gostosa*; 16 ocorrências de *bastante*; 21 ocorrências de *posto*; 20 ocorrências de *estrada*; 3 ocorrências de *cesta*; 3 ocorrências de *costas*; 9 ocorrências de *sexta*; 27 de ocorrências de *feira*; 1 ocorrência de *festazinha*; 10 ocorrências de *história*; 2 ocorrências de *neste* e *nesta*; 4 ocorrências de *acostumei*; 4 ocorrências *acostumo*; 1 ocorrência de *acostumou*; 4 ocorrências de *estudei*; 4 ocorrências de *estudou*; 7 ocorrências de *estudo*; 6 ocorrências de *estudar*; 4 ocorrências de *estudava*; 4 ocorrências de *estudante*; 2 ocorrências de *estudando*; 1 ocorrência de *estudamento*; 1 ocorrência de *estudozinho*; 2 ocorrências de *agosto*; 3 ocorrências de *bosta*; 2 ocorrências de *estádio*; 4 ocorrências de *costurar*; 2 ocorrências de *costuro*; 2 ocorrências de *estou*; 1 ocorrência de *costura*, *costurava*, *costurinha*; 1 ocorrência de *disteiar*, *teste*, *distante*, *estamos*, *Istelita*, *destratar*, *Estevão*, *mistura*, *bestage*, *histórico*, *estado*, *estuciaram*, *estreitinho*, *historiazinha*, *estufado*, *vista*, *avistando*, *Nestor*.

TABELA 17

A variante palatal em interior de vocábulo quanto à *tonicidade da sílaba* na comunidade de Alto Alegre

Sonoridades da Consoante	Apl. / Total	%	P.R
Átona	192/324	59,3	0,69
Tônico	130/344	37,8	0,31
Total	322/669	48,1	

Input 0.632; Log likelihood = -120.909 Significance = 0.008

Como mostra a tabela acima, são vocábulos como *gostava*, *estrada* (istrada), *estudou* (istudou), *estuda* (estuda), *gostoso*, *costurar* (custurar), *testemunha* (tist[imunha) nos quais <S> encontra-se em sílaba átona que favorece a realização palatal de <S>, como peso relativo de 0,71, enquanto os vocábulos tônicos desfavorecem essa realização.

TABELA 18

A variante palatal em interior de vocábulo quanto à *classe morfológica do vocábulo* na comunidade de Alto Alegre

Classe	Apl. / Total	%	P.R
Verbos	160/216	74,1	0,69
Nominais	143/245	58,4	0,58
Advérbios	13/200	6,5	0,21
Total	316/661	47,8	

Input 0.632; Log likelihood = -120.909 Significance = 0.008

Como é possível notar na tabela acima, são verbos, com peso relativo de 0,69, e os nominais, com peso relativo de 0,58, que tendem a favorecer a realização palatal de <S>. Entre o verbos encontrados no *corpus* estão *estudar, costurar, gostar* e entre os nominais estão *feira, cesta, Nestor, Estevão, história*.

5.2.1.2 Fatores extralinguísticos para a realização palatal de <S> em interior de vocábulo

Nessa posição foram selecionados como fatores extralinguísticos que influenciam a realização palatal apenas a faixa etária.

TABELA 19

A variante palatal em interior de vocábulo quanto à *faixa etária* na comunidade de Alto Alegre

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
1	150/239	62,8	0,73
2	89/214	41,6	0,40
3	83/215	38,6	0,38
Total	318/669	29,6	

Input 0.632; Log likelihood = -120.909 Significance = 0.008

A tabela anterior mostra que, assim como na realização alveolar, aqui, também são os falantes da faixa etária I, com peso relativo de 0,73, que favorecem a realização palatal de <S>. Enquanto os informantes da faixa mais jovem optam pelo uso dessas variantes consideradas de prestígio, os informantes das faixas etárias mais velhas tendem a usar mais a realização aspirada e o apagamento como será mostrado à frente.

5.2.1 A realização palatal de <S> em final de vocábulo seguido de consoante

Para a realização em final de vocábulo seguido de consoante, o programa selecionou como fatores que influenciam essa realização a *característica consoante subsequente*, a *faixa etária do informante* e a *classe morfológica do vocábulo*. Vale destacar que assim como interior de vocábulo aqui também essa realização se restringe a contextos favorecedores.

5.2.2.2 Fatores linguísticos para a realização palatal de <S> em final de vocábulo seguido de consoante

Nessa posição, houve apenas 19 ocorrências (6,2%), restringindo-se apenas aos contextos favorecedores que serão mais detalhados a seguir. O programa selecionou, por ordem de importância, a *característica consoante subsequente*, a *faixa etária do informante* e a *classe morfológica do vocábulo* como fatores que influenciam a realização palatal de <S> em final de vocábulo seguido de consoante.

TABELA 20

A variante palatal em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *consoante subsequente* na comunidade de Alto Alegre

Tipo de consoante	Apl. / Total	%	P.R
Oclusivas alveolares	15/79	19	0,81
Oclusivas velares	2/44	4,5	0,30
Oclusivas labiais	2/58	3,4	0,20
Total	19/181	10,5	

Input 0.030; Log likelihood = -42.341 Significance = 0.002

Como foi mostrado na *Tabela 16* aqui também, se pode notar que são as consoantes oclusivas alveolares, com peso relativo de 0,81, que favorecem a palatalização de <S>. Isso mostra que a palatalização está mais ligada ao contexto favorecedor do que a outros fatores. A seguir estão alguns trechos da entrevista que mostra o contexto favorecedor a realização: “...*Nó*] trabalha o correr da semana e quando dá o dia de sabo, se quiser tá com dinheiro, *nó*] tamo com o dinheiro...”; “...Quem *mai*] trabalha mais tem...”; “...*Doi*] tá de segunda série e tem a menina que tá é... de primeira série e o pequeno tá estudando o abc ainda...”; “...É *mai*] trabalho, é mais perigoso; acontece mais acidente...”

TABELA 21

A variante palatal em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *classe morfológica do vocábulo* na comunidade de Alto Alegre

Classe	Apl. / Total	%	P.R
Pronomes	7/26	26,9	0,88
Verbos	3/27	11,1	0,87
Conectivos	2/22	7,3	0,81
Advérbios	5/116	4,3	0,40
Nominais	1/38	2,6	0,39
Determinantes	1/73	1,4	0,25
Total	19/302	6,3	

Input 0.030; Log likelihood = -42.341 Significance = 0.002

Como mostra a tabela acima são os pronomes (P.R 0,88), os verbos (P.R 0,87) e os conectivos (P.R 0,81) que favorecem a palatalização de <S>, enquanto os advérbios, os nominais e determinantes não favorecem esse tipo de realização.

5.2.2.2 *Fatores extralinguísticos para a realização palatal de <S> em final de vocábulo seguido de consoante*

Nesta posição, o Programa selecionou apenas a faixa etária do informante como se pode notar na tabela a seguir.

TABELA 22

A variante palatal em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *faixa etária do informante* na comunidade de Alto Alegre

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
1	9/86	10,5	0,71
2	8/115	7	0,69
3	2/101	2	0,15
Total	19/302	6,3	

Input 0.030; Log likelihood = -42.341 Significance = 0.002

Assim como interior de vocábulo, aqui também os falantes mais jovens optam pela realização palatal, enquanto os informantes da faixa etária mais velha tendem a usar mais a realização aspirada e o apagamento como será mostrado a frente.

5.2.3 Algumas considerações sobre realização palatal de <S> em coda silábica

As realizações palatais de <S> se concentram em posição medial e em final de vocábulo seguido de consoante, mas sobretudo em posição medial. O fator linguístico selecionado como mais importante pelo Programa GOLDVRB X foi a característica da consoante subsequente, tanto em posição medial quanto em final de vocábulo seguido de consoante. A realização palatal foi altamente favorecida pelas consoantes oclusivas alveolares, sobretudo a oclusiva alveolar desvozeada (/t/). Pode-se dizer que em praticamente todos os contextos em que ocorreu a palatalização, a consoante seguinte era uma oclusiva alveolar desvozeada. O fator extralinguístico considerado como mais importante foi à faixa etária do informante: são os falantes das faixas etárias mais jovens que favorecem essa realização.

5.3 REALIZAÇÃO ASPIRADA DE <S> EM CODA SILÁBICA

A realização aspirada foi a terceira variante mais usada pelos falantes, atingindo um total de 295 vocábulos, o que representou 24.5% do total de ocorrências. Esse resultado é bastante semelhante ao que foi documentado por Santos (2012). O autor encontrou uma taxa de 22,4% de aspiração em Helvécia. As ocorrências, nesse corpus, se concentraram em interior de vocábulo e em final de vocábulo seguido de consoante como já foi descrito na *Tabela 2*.

Por ordem de importância, em interior de vocábulo, o programa GOLDVARB selecionou como fatores importantes para a aspiração de <S> a *característica da consoante seguinte*, a *faixa etária do informante*, a *vogal antecedente*, a *classe* e a *extensão do vocábulo*. Para o final de vocábulo seguido de consoante, o GOLDVARB X selecionou, por ordem de importância a *sonoridade da consoante seguinte*, a *extensão do vocábulo*, a *classe morfológica do vocábulo*, a *faixa etária do informante* e a *tonicidade da consoante seguinte*.

5.3.1 A aspiração de <S> em interior de vocábulo

Em interior de vocábulo, a realização aspirada teve um percentual de 21,5% do total de ocorrências. O programa GOLDVARB X selecionou como fatores linguísticos, por ordem de importância para a aspiração a *característica da consoante subsequente*, a *faixa etária do informante*, a *vogal antecedente*, a *classe* e a *extensão do vocábulo*.

5.3.1.1 Fatores linguísticos para a realização aspirada de <S> em interior vocábulo

TABELA 23

A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à *consoante subsequente* na comunidade de Alto Alegre

Tipo de consoante	Apl. / Total	%	P.R
Nasal labial	174/185	94,1	0,96
Nasal alveolar	1/2	50	0,84
Oclusivas velares	5/80	6,2	0,53
Africadas	1/44	2,3	0,22
Oclusivas alveolares	17/320	5,3	0,14
Total	198/631	31,4	

Input 0.069; Log likelihood = -97.080 Significance = 0.010

Conforme evidencia a tabela, a consoante nasal labial, com peso relativo de 0,96, a nasal alveolar, com peso relativo de 0,84, e as oclusivas velares, com peso relativo de 0,53, que favorecem a aspiração de <S>, enquanto as africadas e as oclusivas alveolares desfavorecem esse tipo de realização. As palavras em que esses contextos ocorreram são estas: *me[h]mo* (mesmo), *ja[h]mim* (jasmim), *de[h]na* (desde), *ca[h]calho* (cascalho), *pe[h]car* (pescar).

TABELA 24

A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à *característica da vogal antecedente* na comunidade de Alto Alegre

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P.R
/ɔ/	11/111	9,9	0,92
/u/	2/30	6,7	0,90
/a/	10/38	26,3	0,89
/ɛ/	3/52	5,8	0,68
/o/	1/26	3,8	0,60
/e/	170/211	80,6	0,35
/i/	1/192	0,5	0,13
Total	198/660	30	

Input 0.069; Log likelihood = -97.080 Significance = 0.010

Como mostra a tabela, o programa selecionou como importantes para a realização aspirada os contextos em que ocorre antes de <S> a vogal posterior média-aberta (0,92), como nos casos de *gɔhto* (gosto), *cɔhta* (costas); a posterior alta (0,90), como no caso de *su[h]to* (susto); a central baixa (0,68), como nos casos de *ba[h]tante* (bastante), *ca[h]calho* (cascalho), *ja[h]mim* (jasmim); anterior média-aberta (0,68), como nos casos de *fɛ[h]ta* (festa), *pɛ[h]car* (pescar); e a posterior média-fechada (0,60), como no caso *po[h]to* (posto) são as vogais que favorecem a aspiração.

TABELA 25

A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à *extensão do vocábulo* na comunidade de Alto Alegre

Extensão do vocábulo	Apl. / Total	%	P.R
Dissílabos	189/369	51,2	0,69
Polissílabos	9/297	3	0,26
Total	198/666	29,7	

Input 0.069; Log likelihood = -97.080 Significance = 0.010

Conforme mostra a tabela anterior, são as palavras com até duas sílabas, como *mehmo* (mesmo), *fehsta* (festa), *gohto* (gosto), com peso relativo de 0,69, que contribuem para a aspiração de <S>, enquanto as palavras com três ou mais sílabas desfavorecem essa realização.

TABELA 26

A variante aspirada em interior do vocábulo quanto à *classe morfológica do vocábulo* na comunidade de Alto Alegre

Classe	Apl. / Total	%	P.R
Determinantes	1/3	33,3	0,96
Advérbios	174/200	87	0,89
Nominais	18/144	7,4	0,47
Verbo	5/216	2,3	0,18
Total	198/663	29,9	

Input 0.069; Log likelihood = -97.080 Significance = 0.010

A tabela acima mostra que são os determinantes, com peso relativo de 0,96, e os advérbios, com peso relativo de 0,89, que favorecem a realização aspirada, enquanto os nominais e os verbos desfavorecem essa realização.

5.3.1.1 Fatores extralinguísticos para a realização aspirada de <S> em interior de vocábulo

Quanto ao fator extralinguístico, o Programa selecionou apenas a variável faixa etária, conforme se pode ver na tabela abaixo.

TABELA 27

A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à *faixa etária do informante* na comunidade de Alto Alegre

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
3	79/215	36,7	0,79
2	66/214	30,8	0,45
1	53/240	22,1	0,25
Total	198/669	29,6	

Input 0.069; Log likelihood = -97.080 Significance = 0.010

No que diz respeito à faixa etária do informante, a tabela acima mostra que são os falantes da faixa etária III, com peso relativo 0,79, que favorecem a aspiração de <S>, enquanto os falantes das faixas etárias mais novas desfavorecem fortemente essa realização. Com base nos números da tabela pode-se dizer que há na comunidade de Alto Alegre um quadro de mudança em progresso, uma vez que os jovens estão abandonando os traços mais marcados do falar da comunidade e estão indo em direção as normas de maior prestígio.

5.3.2 A aspiração de <S> em final de vocábulo seguido de consoante

A seguir, serão apresentados os resultados das rodadas para a análise de <S> em final de vocábulo seguido de consoante. Nessa contexto a variante aspirada correspondeu a 32,1% de ocorrências. Nessa posição, o programa selecionou, por ordem de importância, os fatores *sonoridade da consoante seguinte, a extensão do vocábulo, a classe morfológica do vocábulo, a faixa etária do informante e a tonicidade da consoante seguinte.*

5.3.2.1 Fatores linguísticos para a realização aspirada de <S> em final de vocábulo seguido de consoante

TABELA 28

A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *sonoridade da consoante seguinte* na comunidade de Alto Alegre

Sonoridade da consoante	Apl. / Total	%	P.R
Sonora	77/ 154	50	0,69
Não-sonora	20/148	13,5	0,30
Total	97/302	32,1	

Input 0.251; Log likelihood = -132.908 Significance = 0.022

Como se pode notar, na tabela acima, são as consoantes sonoras, com peso relativo de 0,69, que favorecem a aspiração de <S> nesse contexto, como podemos observar nos casos a seguir: *maih não tinha, Deuh dá, seih mês, maih barata, maih grossa, trêyh litro*. Santos (2012) encontrou resultado similar a esse, em que são as consoantes sonoras, com peso relativo 0,69, que favorece a realização aspirada.

TABELA 29

A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *extensão do vocábulo* na comunidade de Alto Alegre

Extensão do vocábulo	Apl. / Total	%	P.R
Monossílabo	94/242	38,8	0,61
Dissílabo	3/51	5,9	0,10
Total	97/302	32,1	

Input 0.251; Log likelihood = -132.908 Significance = 0.022

Conforme mostra a *Tabela 29* são os vocábulos monossílabos, com peso relativo de 0,61, que favorecem a realização aspirada, como nos casos de *doih boi*, *Deuh deu*, *mah mehmo quando chove*, *duah vey na semana*, enquanto os vocábulos dissílabos, com peso relativo de 0,10, desfavorecem essa realização.

TABELA 30

A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante *classe morfológica do vocábulo* na comunidade de Alto Alegre

Classe	Apl. / Total	%	P.R
Determinantes	41/73	56,2	0,67
Nominais	9/38	23,7	0,60
Advérbio	40/116	34,5	0,49
Conectivo	5/22	22,7	0,28
Pronome	5/26	7,7	0,14
Total	97/302	32,1	

Input 0.251; Log likelihood = -132.908 Significance = 0.022

A tabela acima mostra que são os determinantes (*trêyh dia*, *seih mês*), com peso relativo de 0,67, e os nominais (*Deuh deu*), com peso relativo de 0,60, que favorecem a aspiração de <S>. Já os advérbios, conectivos e pronomes não favorecem essa realização.

TABELA 31

A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *tonicidade da sílaba* na comunidade de Alto Alegre

Sonoridades da Consoante	Apl. / Total	%	P.R
Tônica	86/246	35	0,51
Átona	11/56	19,6	0,44
Total	97/302	32,1	

Input 0.251; Log likelihood = -132.908 Significance = 0.022

Tabela 31 mostra que as sílabas tônicas, com peso relativo de 0,51, são as que tendem a favorecer a aspiração de <S>, enquanto as sílabas átonas, com peso relativo de 0,44, desfavorecem-na.

5.3.2.2 Fatores extralinguísticos para a realização aspirada de <S> em final de vocábulo seguido de consoante

O GoldVarb X, nesta posição, selecionou apenas a faixa etária do informante, como se pode perceber na tabela a seguir.

TABELA 32

A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *faixa etária do informante* na comunidade de Alto Alegre

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
3	43/101	42,6	0,65
2	39/115	33,0	0,50
1	15/86	17,4	0,31
Total	97/302	32,1	

Input 0.251; Log likelihood = -132.908 Significance = 0.022

Assim como em interior de vocábulo, a tabela antecedente mostra, que em final de vocábulo seguido de consoante, são os falantes da faixa etária III, com peso relativo de 0,65, que tendem a realizar a variante aspirada; os falantes da faixa etária II encontram-se em uma posição neutra e os falantes da faixa etária I desfavorecem totalmente essa realização. Mais uma vez, é possível dizer que existe na comunidade de Alto Alegre um quadro de mudança em progresso, uma vez que, a faixa mais nova apresenta um peso desfavorece fortemente a realização aspirada. Santos (2012) também observou que são os falantes da faixa etária III, com peso relativo de 0,72, que favorecem fortemente a variante aspirada.

5.3.3 Algumas considerações sobre realização aspirada de <S> em coda silábica

As realizações aspiradas ficaram concentradas em interior de vocábulo e em final de vocábulo seguido de consoante. O fator extralinguístico selecionado pelo programa foi a faixa etária do informante, tanto em interior de vocábulo quanto em final de vocábulo seguido de consoante; são as pessoas mais idosas da comunidade, ou seja, as pessoas da faixa etária III, que mais utilizam essa variante considerada como não-padrão. Mais uma vez se pode dizer que existe na comunidade um quadro de mudança em progresso, uma vez que as pessoas mais jovens estão abandonando essa variante não-padrão e indo em direção a forma padrão da língua. No que diz respeito aos fatores linguísticos, em interior de vocábulo, o fator selecionado como mais importante foi a característica da consoante seguinte, são as consoantes /m/, /n/, /k/ e /g/ que influenciam essa realização; em final de vocábulo seguido de consoante o fator linguístico considerado como mais importante a extensão do vocábulo, são as palavras monossílabas que favorecem essa realização aspirada, enquanto as palavras dissílabas e polissílabas desfavorecem essa realização.

5.4 O APAGAMENTO DE <S> EM CODA SILÁBICA

O apagamento nesse *corpus* correspondeu 17.5% do total de ocorrências. Resultado similar foi encontrado por Santos (2012); a taxa de apagamento, no trabalho do autor, somou 18% do total de ocorrências. Vale ressaltar que, tanto neste trabalho quanto no trabalho de

Santos (2012), as ocorrências de <S> que estão sendo estudadas não incluem <S> com valor de plural, não incluem os casos em que <S> em fim de vocábulo vem seguido de vogal, uma vez que, nesse contexto geralmente acontece uma ressilabação e não incluem as ocorrências de <S> quando este se encontra antes de [s, z, ʃ, ʒ, h, fi].

Essa taxa de apagamento, encontrada tanto nesse trabalho quanto no trabalho de Santos (2012), é bastante alta se comparada outros trabalhos realizados sobre PB como salienta o autor.

é altíssimo em comparação com outras áreas: Scherre Macedo (1991) encontraram um taxa de 8% de apagamento para falantes do Projeto Censo; Gryner e Macedo (2000) encontraram um percentual de 7,9% para falantes de Cordeiro-RJ. Scherre Macedo (2000) acharam 9% para falantes do Rio de Janeiro do Projeto PEUL; Mota (2002) encontrou nos falantes do Projeto NURC Salvador uma frequência de 2% para a amostra de 1970 e 5% para a amostra de 1990; Martins (2003) registrou 6% em Bragança-Pa; Carvalho (2009) encontrou 5% na fala de Belém; Santos (2009) encontrou 3% nas cidades de Petrópolis, Itaperuna e Paraty; Lucchesi (2009) achou uma frequência de 4% de apagamento para falantes do Português popular de Salvador (SANTOS, 2012, p. 181).

O resultado encontrado aqui e o encontrado por Santos (2012) reforçam a hipótese de que, em comunidades quilombolas, as taxas de enfraquecimento de <S> são bastante altas em função do histórico de contato com línguas africanas quando do período de formação dessas comunidades.

Os fatores selecionados, por ordem de importância, como os fatores que contribuem para o apagamento em final de vocábulo seguido de consoante foram *extensão do vocábulo*, *classe morfológica do vocábulo*, *faixa etária do informante* e *tonicidade da sílaba*; em final absoluto foram selecionados a *faixa etária do informante*, a *extensão do vocábulo*, *sexo do informante* e a *vogal antecedente*.

5.4.1 O apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante

Nessa posição, o programa selecionou, por ordem de importância, os fatores *extensão do vocábulo*, *classe morfológica do vocábulo*, *faixa etária do informante* e *tonicidade da sílaba*.

5.4.1.1 Fatores linguísticos para o apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante

TABELA 33

O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *extensão do vocábulo* na comunidade de Alto Alegre

Extensão do vocábulo	Apl. / Total	%	P.R
Monossílabo	72 / 132	54,5	0,59
Polissílabo	1/ 2	50	0,37
Dissílabo	25/95	23,6	0,36
Total	98/229	42,8	

Input 0.145; Log likelihood = -100.914 Significance = 0.024

Como se pode observar na tabela acima são os vocábulos monossílabos, com peso relativo de 0,59, que favorecem o apagamento, enquanto os vocábulos polissílabos e dissílabos desfavorecem essa realização. Entre os contextos em que <S> foi apagado estão os seguintes monossilábicos *meyo que vem*, *mayo de lavoura*, *tem veyo que*.

TABELA 34

O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *classe morfológica do vocábulo* na comunidade de Alto Alegre

Classe	Apl. / Total	%	P.R
Verbo	15/27	55,6	0,84
Advérbio	27/116	23,3	0,66
Nominais	16/38	42,1	0,64
Conectivo	7/22	38	0,47
Pronome	1/21	3,8	0,27
Determinante	6/73	8,2	0,15
Total	72/302	23,8	

Input 0.145; Log likelihood = -100.914 Significance = 0.024

Como está descrito na tabela acima são os verbos, com peso relativo de 0,84, os advérbios, com peso relativo de 0,66, e os nominais com peso relativo de 0,64, que favorecem o apagamento de <S> em final seguido de vocábulo.

TABELA 35

O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *tonicidade da sílaba* na comunidade de Alto Alegre

Sonoridades da Consoante	Apl. / Total	%	P.R
Átona	28/56	50	0,78
Tônica	44/246	17,9	0,42
Total	72/302	23,8	

Input 0.145; Log likelihood = -100.914 Significance = 0.024

Conforme mostra a tabela acima são as sílabas átonas, com peso relativo de 0,78, que favorecem o apagamento de <S> em final seguido de vocábulo. Santos (2012) também observou que são as sílabas átonas, com peso relativo de 0,93, que favorece o apagamento de <S> nesse contexto.

5.4.1.2 Fatores extralinguísticos para o apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante

O programa selecionou apenas a variável faixa etária, como se pode notar na tabela a seguir.

TABELA 36

O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *faixa etária* na comunidade de Alto Alegre

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
3	40/101	39,6	0,74
2	18/115	15,7	0,39
1	14/86	7,1	0,08
Total	98/ 229	42,8	

Input 0.145; Log likelihood = -100.914 Significance = 0.024

Nota-se na tabela acima que são os informantes da faixa etária III que favorecem o apagamento de <S> nesse contexto, enquanto os informantes da faixa etária I e II desfavorece fortemente essa realização. Esse resultado reforça a hipótese de que há na comunidade de Alto Alegre um quadro de mudança em progresso, uma vez que os jovens estão indo em direção as normas que gozam de maior prestígio. Santos (2012) também observou que são os falantes da faixa etária mais velha, com peso relativo de 0,76, os que favorecem o apagamento de <S>, enquanto a faixa etária mais jovem, com peso relativo de 0,21, desfavorece fortemente.

5.4.2 O apagamento de <S> em final absoluto

O apagamento em final absoluto de vocábulo corresponde a 55,5% das ocorrências, como é possível notar na *Tabela 2*. O programa selecionou, por ordem de importância, como fatores importantes para o apagamento de <S> a *faixa etária do informante*, a *extensão do vocábulo*, *sexo do informante* e a *vogal antecedente*.

5.4.2.1 Fatores linguísticos para apagamento de <S> em final absoluto

TABELA 37

O apagamento em final absoluto quanto à *extensão do vocábulo* na comunidade de Alto Alegre

Extensão do vocábulo	Apl. / Total	%	P.R
Polissílabo	2/3	66,7	0,76
Dissílabo	69/94	73,4	0,65
Monossílabo	55/132	41,7	0,37
Total	126/229	55	

Input 0.648; Log likelihood = -95.311 Significance = 0.018

A tabela acima mostra que são os vocábulos polissilábicos, com peso relativo 0,76, e os dissílabos, com peso relativo de 0,65, que favorecem o apagamento de <S>. Entre os polissílabos e dissílabos em que o <S> foram apagados estão: *ônibuø* (ônibus), *parabeyø* (parabéns), *costaø* (costas) *Tancredo Neviø* (Neves), *rapayø* (rapaz), *depoyø* (depois), *Jesuyø* (Jesus). Santos (2012) também identificou, em Halvécia, que os dissílabos, com peso relativo de 0,77, favorecem o apagamento, enquanto os monossílabos são desfavorecedores ao apagamento de <S> em final absoluto, com peso relativo de 0,37. Mas, mesmo as palavras monossílabas sendo desfavorecedoras ao apagamento em final absoluto, das 132 vezes em que elas apareceram nos *corpus* foram apagadas 55 vezes; houve apagamento como, por exemplo, nas palavras *Deuø* (Deus), *fiø* (fiz), *maiø* (mais), *doiø* (dois), *noyø* (nós).

TABELA 38

O apagamento em final absoluto quanto à *característica da vogal antecedente* na comunidade de Alto Alegre

Características da vogal precedente	Apl. / total	%	P.R
Anterior alta (/i/)	23/24	95,8	0,91
Posterior alta (/u/)	14/17	82,4	0,66
Semivogal anterior alta (/y/)	77/161	44,8	0,45
Semivogal posterior alta (/w/)	7/20	35	0,21
Central baixa (/a/)	5/7	71,4	0,17
Total	126/229	55	

Input 0.648; Log likelihood = -95.311 Significance = 0.018

Como mostra a tabela acima, são as vogais anterior alta, com peso relativo de 0,91, e a posterior alta, com peso relativo de 0,66, que favorecem o apagamento de <S> nesse contexto. São alguns exemplos do *corpus*: Tancredo *Nevi*∅, *fi*∅ (fiz), *menu*∅, *ônibu*∅.

5.4.1.2 Fatores extralinguísticos para o apagamento de <S> em final absoluto

O programa selecionou a variável faixa etária e o sexo do informante, como fatores extralinguísticos que influenciam o apagamento de <S>, conforme se pode ver na tabela a seguir.

TABELA 39

O apagamento em final absoluto quanto à *faixa etária do informante* na comunidade de Alto Alegre

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
3	77/85	90,6	0,91
2	30/70	42,9	0,26
1	19/74	25,7	0,15
Total	126/229	55	

Input 0.648; Log likelihood = -95.311 Significance = 0.018

Conforme mostra tabela acima, são os informantes da faixa etária mais velha que mais favorecem o apagamento, enquanto a faixa etária mais jovem desfavorece fortemente essa realização. Mais uma vez pode-se afirmar que existe na comunidade de Alto Alegre um quadro de mudança em progresso, pois os jovens estão abandonando os traços mais marcados do falar da comunidade e estão se alinhando a normas que tem maior prestígio, isto é, a fala desses jovens está se distanciando da fala de seus pais e avós. O trabalho de Santos (2012) também mostra que são os informantes da faixa etária mais velha, com peso relativo de 0,78, que favorecem o apagamento de <S>.

TABELA 40

O apagamento em final absoluto quanto ao *sexo do informante* na comunidade de Alto Alegre

Sexo	Apl. / Total	%	P.R
Masculino	75/128	58,6	0,62
Feminino	51/101	50,5	0,34
Total	126/229	55	

Input 0.648; Log likelihood = -95.311 Significance = 0.018

A Tabela 40 mostra que são os homens que tendem a favorecer o apagamento de <S> nesse contexto. Nesse aspecto, ao que parece, quando se comparam os percentuais e os pesos do apagamento com os das realizações alveolares, as mulheres tendem abandonar os traços mais marcados no falar da comunidade e avançam na direção de um padrão que opõe os homens mais velhos às mulheres mais novas, tendo estas últimas a preferência pelas variantes alveolares.

5.4.3 Algumas considerações sobre apagamento de <S> em coda silábica

Nos resultados apresentados até o momento, viu-se que o apagamento foi favorecido em final absoluto e em final de vocábulo seguido de consoante, mas sobretudo em final absoluto. Segundo Guy (2005), existe no português popular brasileiro, principalmente em comunidades que passaram por um contato com línguas africanas, uma tendência à redução de <S> quando este se encontra em posição de coda, principalmente em coda externa. Para o apagamento, o GOLDVARB X, selecionou como fator extralinguístico que contribui para essa realização, a faixa etária do informante tanto em final de vocábulo seguido de consoante quanto em final absoluto, neste caso são as pessoas mais velhas da comunidade que apagam o <S>. Se compararmos a realização alveolar com o apagamento, nota-se claramente um quadro de mudança em progresso, pois os jovens favorecem fortemente a realização alveolar (variante padrão), enquanto os falantes da faixa etária mais velha favorecem o apagamento. Isso indica que a comunidade está mudando no sentido de adquirir marcas que se assemelham aos padrões de uso. Quanto ao fator linguístico, o programa considerou a extensão do vocábulo como fator mais relevante para o apagamento, tanto em final seguido, quanto em final absoluto.

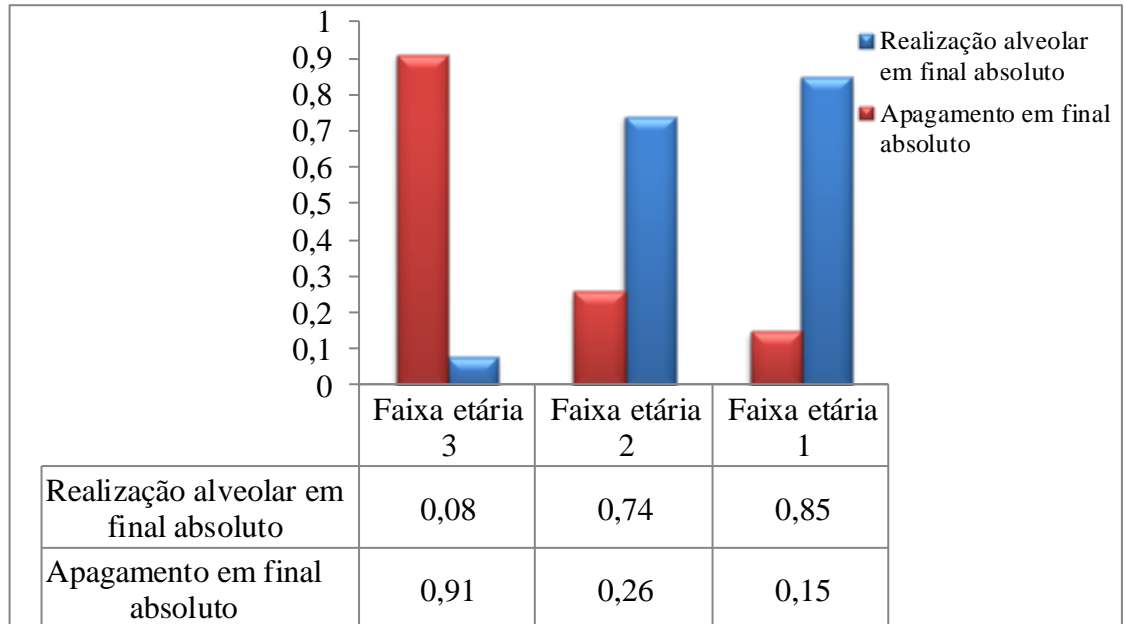
5.5 A VARIAÇÃO DE <S> NA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao logo deste capítulo mostrou-se o quadro de variação de <S> na comunidade quilombola de Alto Alegre. Como foi destacado durante as análises, a norma da comunidade é alveolar, embora a diferença entre a realização alveolar e a realização palatal sejam pequenas, as palatalizações concentraram-se em posição medial e em contextos altamente favorecedores, diante da oclusiva alveolar desvozeada, por exemplo. Diante dessa constatação, foi possível afirmar que a norma da comunidade é alveolar, uma vez que esta apresenta uma distribuição equilibrada em todas as posições. O apagamento e a aspiração, neste trabalho, apresentaram taxas bastante expressivas, juntas as duas variantes somaram 42% do total de ocorrências. Esse resultado é semelhante ao encontrado por Santos (2012) na comunidade de Helvécia (40,37%), no entanto se esse resultado for comparado a outros trabalhos que estudam o <S> no português brasileiro, como Lucchesi (2009) em que as realizações de aspiração atingiu 14% e apagamento sem valor morfológico atingiu apenas 4% das realizações; e o de Monteiro (2009) em que as realizações de aspiração atingiu apenas 5% das ocorrências e apagamento apenas 3,8%, este trabalho apresenta índices muito acima do que o que é geralmente registrado em outros trabalhos. Percebe-se, então, que comunidades quilombolas exibem taxas muito maiores de enfraquecimento de <S> em coda silábica do que outras comunidades do português Brasileiro.

Durante a apresentação dos resultados, viu-se também que os mais jovens preferem as realizações padrão (alveolar e palatal) de <S> em todos os contextos investigados, enquanto os falantes da faixa etária mais velha realizam mais as formas não-padrão (aspiração e apagamento), sobretudo o apagamento em final absoluto. Isso mostra que a comunidade está mudando no sentido de adquirir marcas que se assemelham a norma padrão, ou seja, existe hoje em Alto Alegre um quadro de mudança em progresso, uma vez que os jovens estão abandonando as formas mais marcadas da comunidade. Nos dois gráficos a seguir estão representados os resultados para a realização alveolar e apagamento em final absoluto segundo o fator faixa etária e o sexo do informante.

GRÁFICO 1

A variável alveolar X apagamento em final absoluto de vocábulo segundo o fator faixa etária



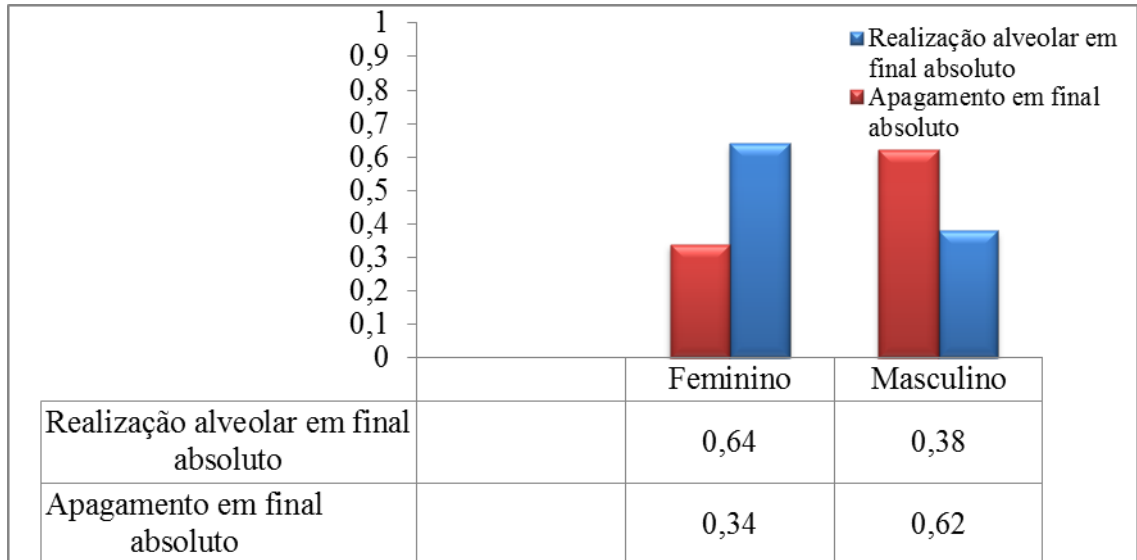
Input 0.311; Log likelihood = -96.005 Significance = 0.027

Input 0.648; Log likelihood = -95.311 Significance = 0.018

O gráfico anterior deixa evidente que os falantes mais velhos são os que mais realizam o apagamento, distanciando-se fortemente dos falantes mais jovens que dão preferência a variante alveolar. Esse resultado reforça a ideia de que esse quadro de variação em Alto Alegre pode ter passado por um processo de transmissão linguística irregular no seu processo de formação. Como já foi colocado anteriormente, para Lucchesi (2000), a transmissão linguística irregular designa processos históricos de contato massivo e prolongados entre as línguas, nos quais a língua de segmento, no caso o português, é tomada como modelo ou referência para os demais segmentos.

GRÁFICO 2

A variável alveolar X apagamento em final absoluto de vocábulo segundo o fator sexo do informante



Input 0.311; Log likelihood = -96.005 Significance = 0.027

Input 0.648; Log likelihood = -95.311 Significance = 0.018

Como se pode notar no gráfico acima, são as mulheres que lideram o processo de implementação do padrão na comunidade, ou seja, são as mulheres que estão indo em direção ao modelo dominante entre os falantes de prestígio provenientes de zonas de maior presença alveolar. Na comunidade, são as mulheres que mais saem já que cabe a elas atividades como a ida aos postos médicos, a participação em reuniões escolares e frequentemente vão à cidade. Em geral elas têm, segundo relataram, uma rede maior de contatos fora da localidade, isso faz com que elas tenham um maior contato com a forma padrão da língua, enquanto os homens se dedicam mais à produção do cravo e possuem uma rede de contatos mais fechada já que interagem mais entre si e saem como menor frequência.

Nos resultados apresentados neste trabalho, pôde-se observar que o apagamento é favorecido especialmente em coda final. Isto revela que a coda final é mais favorável às mudanças pelas quais tem passado a comunidade de fala. É na coda final, portanto, que o apagamento se intensifica, principalmente entre os falantes mais velhos. Segundo Santos (2012, p 249), “a intensidade dos processos de enfraquecimento que a coda silábica, mormente a final, sofre [...], não pode ser devida ao acaso; não pode ser decorrente de uma tendência do sistema a apagar consoantes finais, sem que aspectos sociolinguísticos tenham nenhuma influência direta.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho investigou a variável <S> em coda silábica no português falado pela comunidade de Alto Alegre, e ao mesmo tempo, buscou interpretar o fenômeno levando em consideração sua relação com o contexto social contemporâneo da comunidade e como o seu passado histórico, uma vez que a comunidade é certificada como uma comunidade quilombola pela fundação Cultural Palmares e que no seu processo de formação pode ter passado por processo de contato entre línguas africanas e a língua portuguesa.

Esta pesquisa pautou-se nos princípios teóricos da Sociolinguística variacionista, uma corrente, como já citada anteriormente, que estuda a variação linguística correlacionando dados linguísticos com elementos de natureza social e que entende a variabilidade linguística como fenômeno estruturado e regulado. Uma das hipóteses que regeu essa pesquisa é de que os aspectos sociais e históricos da comunidade de Alto Alegre refletem no enfraquecimento de <S>. Junto a essa hipótese outra tarefa foi observar se a variação de <S> em coda silábica pode ser associada transmissão linguística irregular como propõe Santos (2012).

Nos resultados apresentados até aqui, viu-se que a variante de <S> mais utilizada pela comunidade é a variante alveolar, com 29,3% das ocorrências de <S>. Os dados mostram que se pode considerar a norma da comunidade, embora, como já foi citado anteriormente, essa variante tenha um percentual muito próximo ao da variante palatal, no entanto, esta possui uma distribuição equilibrada em todas as posições, enquanto a realização palatal tem as suas realizações concentradas em interior de vocábulo e em contextos altamente favorecedores; a segunda variante mais utilizada é a variante palatal, com 28,4% das ocorrências, mas essas ocorrências se concentram em interior de vocábulo, como foi discutido; a terceira variante mais utilizada foi a aspiração, com 24,5% das ocorrências; e a quarta variante mais utilizada pelos falantes da comunidade foi o apagamento, com 17,5% das ocorrências.

Faz-se necessário destacar que as taxas de aspiração (24,5%) e de apagamento (17,5%), neste trabalho, são bastante expressivas chegando a somar, juntas, 42% do total de ocorrências. Esses resultados são similares aos que foram encontrados por Santos (2012) na comunidade de Helvécia, que também é considerada uma comunidade quilombola. O autor encontrou na variante aspirada um total de 23,37% e no apagamento um total 18%, juntas somam um total 41,37%. Mas, se esses resultados forem comparados a outros dialetos que não tem história similar a de Alto Alegre e Helvécia, percebe-se que essas taxas são bem

menores. Monteiro (2009) estudou a variação de <S> no português popular do Amapá e as taxas de aspiração (3,8%) e apagamento (5%) encontradas pela autora somaram apenas 8,8%; Lucchesi (2009) também analisou a variação de <S> no português popular de Salvador e a taxa de aspiração foi de 14% (incluindo os casos de <S> plural) e apenas 4% para Ø (sem as ocorrências de <S> plural). Isso mostra que comunidades com história quilombola exibem taxas de enfraquecimento de <S> muito mais intensas que outras comunidades do Português Popular Brasileiro, o que reforça a hipótese de que esse pode ser um efeito do contato linguístico entre línguas africanas e o português brasileiro que marcou a constituição dessas comunidades.

Do ponto de vista linguístico, viu-se que a variante alveolar em interior de vocábulo teve a característica da consoante seguinte como o fator de maior importância, especialmente se estas forem oclusivas velares, fricativas labiodentais e nasal labial. Em final de vocábulo seguido de consoante, o fator considerado de maior relevância para a realização alveolar foi à sonoridade da consoante seguinte; as consoantes desvozeadas tendem a favorecer essa realização. Em final absoluto, o fator considerado como mais relevante para a realização alveolar foi à extensão do vocábulo, são palavras monossilábicas as que tendem a favorecer a realização alveolar de <S>. As ocorrências de palatalização, tanto em posição medial, quanto em final de vocábulo seguido de consoante, tem como fator mais relevante, para esta realização, a característica da consoante subsequente, principalmente se esta for uma oclusiva alveolar desvozeada. A aspiração em interior de vocábulo tem o fator característica da consoante subsequente (principalmente se esta for uma nasal labial) como o fator de maior influência a realização aspirada de <S>. Em final de vocábulo seguido de consoante tem-se a sonoridade da consoante seguinte como fator mais importância para a aspiração. O apagamento teve como fator mais importante, tanto em final de vocábulo seguido de consoante, quanto em final absoluto, a extensão do vocábulo; em final de vocábulo seguido de consoante são os vocábulos monossílabos que influenciam o apagamento. E em final absoluto, são os vocábulos polissílabos e dissílabos que influenciam essa realização.

Quanto ao contexto extralinguístico, percebe-se que Alto Alegre está indo em direção à norma padrão, uma vez que são os falantes da faixa etária mais jovem que mais favorecem o emprego da variante alveolar e palatal (variantes que são consideradas padrão), enquanto os falantes mais velhos utilizam mais a variante aspirada e o apagamento. Esse resultado é semelhante ao encontrado por Santos (2012), que relata em seu trabalho que são os falantes da faixa etária mais jovem os que mais empregam a variante alveolar e rejeitam fortemente as

variantes não-padrão. Lucchesi (2009), no estudo que realizou em Salvador, também relata que a faixa mais jovem lidera o processo de implementação da forma padrão. Vale destacar, também, que as mulheres em Alto Alegre têm liderado o processo de implementação da forma padrão de <S>, ou seja, elas dão preferência a formas mais prestigiadas, como, por exemplo, as variantes alveolares e palatais; enquanto os homens dão preferência a formas menos prestigiadas (apagamento e aspiração). Isso deve-se a uma rede maior de contatos fora da localidade, isso faz com que elas tenham um maior contato com a forma padrão da língua, enquanto os homens se dedicam mais à produção do cravo e possuem uma rede de contatos mais fechada já que interagem mais entre si e saem como menor frequência.

A partir dos resultados destacados, pode-se dizer que, hoje, existe na comunidade quilombola de Alto Alegre um quadro de mudança em progresso, uma vez que, são falantes da faixa etária mais velha os que mais utilizam as variantes não-padrão (aspiração e apagamento), enquanto os falantes da faixa etária mais jovem estão avançando para a forma mais prestigiada. Considerando essas altas taxas de enfraquecimento de <S>, sobretudo na faixa mais velha, pode-se associar esse resultado a uma transmissão geracional do tipo leve, como observa Santos (2012), uma vez que esta é uma comunidade quilombola, certificada pela Fundação Cultural Palmares, e deve ter passado, no seu processo de formação, por processo de contato entre línguas onde os falantes da comunidade devem ter adquirido a língua portuguesa precariamente. E esses falantes devem ter sido os maiores responsáveis por transmitir a língua portuguesa como primeira língua (L1) aos seus descendentes.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORGES NETO, José. **Ensaio de filosofia linguística.** São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL. Ministério do desenvolvimento agrário. **Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável do Território Baixo Sul da Bahia.** Brasília: Ministério do desenvolvimento agrário, 2010. Disponível em: <http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_qua_territorio021.pdf> Acesso em: 24 de setembro de 2014.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Da linguística formal à linguística social.** São Paulo: Parábola, 2013.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Sociolingüística.** In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras.** São Paulo: Cortez, 2003.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2011.

DÍAZ-CAMPOS, Manuel. **Introducción a la sociolingüística hispánica.** Oxford: Wiley Blackwell, 2014.

HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes R. Comportamento da fricativa coronal pós-vocálica. In: RIBEIRO, Silvana Soares; COSTA, Sônia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa; homenagem a Jacyra Andrade Mota pela contribuição aos estudos dialetais brasileiros.** Salvador: EDUFBA, 2009. p. 111-128.

GUY, Gregory Riordan. A questão da crioulização no português do Brasil. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (Org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no cone Sul.** Porto Alegre: EDUFRGS, 2005. p. 15-38.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2009.

LUCCHESI, Dante. O conceito de transmissão linguística e o processo de formação do português do Brasil. In: ROCANTI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 272-284.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, Mudança e Linguagem: um percurso histórico na linguística moderna**. São Paulo: Parábola editorial, 2004.

LUCCHESI, Dante. A realização do /S/ implosivo no português popular de Salvador. In: RIBEIRO, Silvana Soares; COSTA, Sônia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa; homenagem a Jacyra Andrade Mota pela contribuição aos estudos dialetais brasileiros**. Salvador: EDUFBA, 2009a. p. 83-110.

LUCCHESI, Dante. **Línguas e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

PELICIOLI, Ronaldo. **A rênti tarra em carra mermo: a aspiração de fricativas na fala de Salvador**. 46 f. 2008. Monografia (Licenciatura em Letras Vernáculas) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

MARINS, Flávia Santos; MARGOTTI, Felício Wessling. **Comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico em Manaus**. Disponível em <<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/viewFile/348/293>> Acesso em: 15 de março 2014.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução a sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: contexto, 2012.

MONTEIRO, Renata Conceição Neves. **A produção palato-alveolar de /S/ nas vozes do Amapá**. 84f. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. O conceito de transmissão linguística irregular e as origens estruturais do Português brasileiro: um tema em debate. In: ROCANTI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

SANTOS, Gredson. **O português afro-brasileiro Helvécia-Ba: análise da variável <s> em coda silábica**. 272 f. il. 2012. Tese (Doutorado em Letras e linguística) – Instituto de Letras Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: editora ática, 2004.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1969].